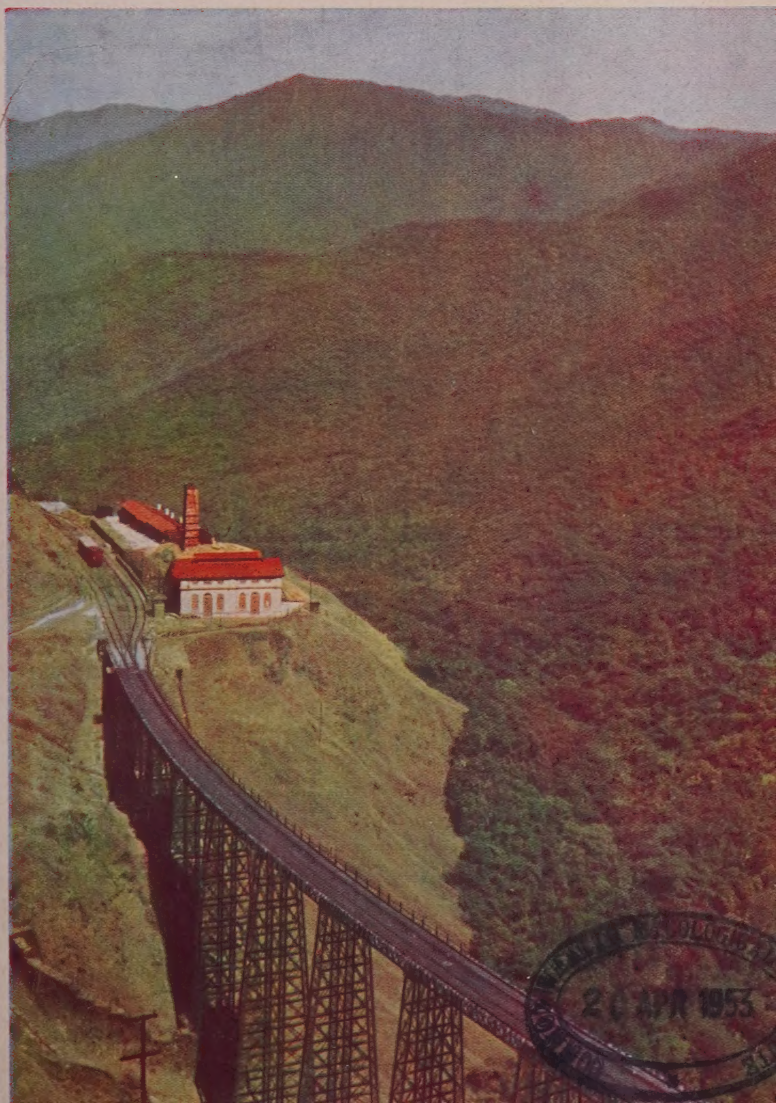
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA

SÃO PAULO BRASIL



ANO XXVIII

N.o 311

JANEIRO

DE 1953

Conforme nosso aviso reiteradamente publicado, foi cancelada a remessa dêste Boletim a tôdas as pessoas ou entidades que não nos comunicaram desejar a continuação do recebimento. Àquêles que, porventura o desejem, pedimos solicitar o restabelecimento da remessa.

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVIII	JANEIRO DE 1953	Número 311

Sumário

COLABORAÇÃO:

Irrigação da lavoura cafeeira — José Testa
Vençamos a rotina do café — William Wilson Coelho de Souza
Contabilidade agrícola e pastoril — J. Bemelmans
Considerações sôbre o combate à broca do café — C. A. Seixas

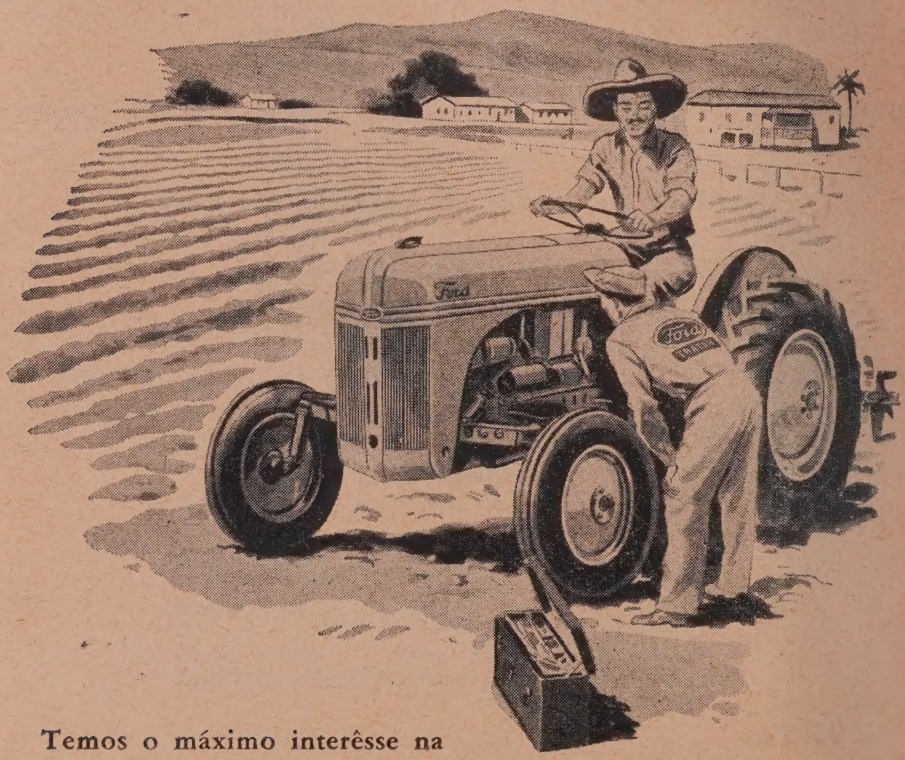
RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Um grande e urgente problema nacional
A semente de café
Debates sôbre a cultura do café "mundo novo", em Ribeirão Preto
Quantos cafeeiros existem no Paraná?
Cultura do café e avicultura
"Cafeicultura científica, no Brasil"
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano de Café — Nova York)

ESTATÍSTICA:

NOSSA Capa: — A "estrada do café": Reproduzimos em nossa primeira página de capa um aspecto da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí (antiga S. Paulo-Railway), pela qual transita, rumo a Santos, a quase totalidade do café paulista e cêrca de metade da safra cafeeira nacional.

Fazemos Questão que Êles Agradem!



Temos o máximo interêsse na eficiência dos Tratores Ford em operação. Queremos que cada um dêles preste serviço satisfatório e ininterrupto... pois que isso constitui o próprio alicerce de nossa organização. Para êsse fim, para que os bons serviços dos Tratores Ford não sofram solução de continuidade, nossos revendedores oferecem a tradicional assistência Ford, dispondo de um estoque completo de peças legítimas e de um corpo de mecânicos perfeitamente treinados.

Ford TRATOR

FORD MOTOR COMPANY, EXPORTS, INC.

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

Enxada Dragão

prova *na terra* o seu valor!

Experiências feitas no *trabalho da terra* provam que a Enxada DRAGÃO dura mais que qualquer outra! E rende também mais, porque resiste, aos choques e está sempre afiada, apresentando um equilíbrio que facilita o trabalho e evita o cansaço provocado pelas enxadas comuns. De polimento e acabamento perfeitos, mantém-se *nova* por muitas e muitas safras. Trabalhe melhor seu torrão com a Enxada DRAGÃO.

Enxada Dragão

Se notar qualquer defeito na Enxada DRAGÃO, ela será trocada por outra, inteiramente nova e perfeita!

Fabricada e garantida pela

Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo

fabricantes há mais de meio século

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 210 - TEL. 32-7185 - SÃO PAULO

IRRIGAÇÃO DA LAVOURA CAFEEIRA

JOSÉ TESTA

(Da Superintendência do Café do Estado de S. Paulo)

A irrigação das lavouras cafeeiras por aspersão, processo de adoção recente, em S. Paulo, principalmente na zona mogiana, produziu tão satisfatórios resultados que vem sendo constantemente ampliado. Já em fins do ano próximo findo havia, junto às firmas especializadas da capital paulista, mais de quinhentos pedidos de equipamentos, e cêrca de duzentos estariam prontos, nos Estados Unidos, para embarque à espera da ordem de liberação da Carteira de Câmbio do Banco do Brasil.

Numerosas propriedades vêm já pondo em prática a irrigação artificial por aspersão, de que existem diversos sistemas, não muito divergentes entre si. Os resultados, segundo tem sido divulgado pelos próprios lavradores, são altamente auspiciosos, havendo fazendas que têm quadruplicado sua produção.

Não são de admirar êsses resultados, porquanto é geralmente admitido que, dentre tôdas as causas de redução das safras cafeeiras entre nós, uma das maiores, talvez a mais importante, é a falta de chuvas que, agora, se vem tornando habitual. Dentre essas causas, poderíamos enumerar, grosso modo: a erosão e depauperamento dos terrenos, devido à má defesa do solo; alterações climáticas (geadas, ondas frias, falta de chuvas, etc.); pragas e moléstias, principalmente a **broca** e o **bicho mineiro**; máu trato de muitos dos cafèzais, em virtude de falta de braços, de financiamento, de adubos, de inseticidas, de técnica; envelhecimento da maior parte dos cafèzais. Dentre tôdos êsses fatores de queda da produção, a falta de chuvas é, se não o maior, um dos maiores. Daí a razão por que existe uma verdadeira corrida aos processos de aspersão.

* * *

Secundando êsse desejo dos produtores, de melhorar seu aparelhamento defensivo contra as irregularidades pluviométricas, os govêrnos, estadoal e federal, têm se movimentado no sentido de lhes facilitar a consecução de tal objetivo. Apresentado pelo deputado Plácido Rocha, foi aprovado na Assembléia Legislativa de S. Paulo um projeto de lei autorizando o financiamento dos serviços de irrigação da lavoura cafeeira de S. Paulo, e abrindo para êsse fim um crédito de Cr$ ..... 150.000.000,00, na Secretaria da Agricultura.

E, agora, propõe o Ministro da Agricultura ao Presidente da República o amparo à irrigação da cafeicultura, mediante um financiamento

de 40 milhões de dólares, a ser obtido por empréstimo, devendo concorrer a indústria nacional com cêrca de 20% do total a ser adquirido.

Ambas as iniciativas, e outras mais que venham a ser tomadas, são altamente louváveis, não se justificando a crítica dos que pretendem ser descabido o amparo à irrigação devido ao fato de que outras medidas deveriam ter prioridade.

* * *

Entretanto, devemos situar bem a questão: Se, por um lado, devemos aceitar desde logo essas iniciativas, porquanto o debate de todos os problemas relativos à cafeicultura poderia protelar demasiadamente a ajuda à irrigação, tornando-a inoperante, por outro lado cumpre reconhecer que, embora aceitando-as e acoroçoando-as, é indispensável uma prioridade nos problemas cafeeiros, ou, digamos, um mínimo de condições a serem preenchidas por uma lavoura que se candidate à irrigaçao.

Realmente — e aqui ferimos o ponto capital — a irrigação, tão sòmente, não basta. Póde, mesmo, tornar-se uma despesa inútil, e até acelerar o perecimento dos cafèzais, se êstes não estiverem adequadamente preparados, pois é sabido que a água, aumentando notàvelmente a produtividade das plantas, também as exaure.

Nessas condições, o principal a fazer num cafèzal que se destinasse a ser irrigado era adubá-lo convenientemente. Mas, bastaria isso? Hoje sabemos que não, pois o adubo, sòzinho, não resolve o problema, se colocado em terrenos demasiado ácidos ou excessivamente inclinados, onde aquêle fertilizante não seria retido. Daí a necessidade de serem adotadas várias outras práticas, antes de se instalar a irrigação.

Outra questão surge, nesta altura: valeria a pena adotar-se a irrigação para velhas lavouras, embora defendidas contra a erosão e adubadas? Vários estudiosos acham que não, e ainda há pouco foi submetido ao Instituto de Economia Rural, da Sociedade Rural Brasileira, um interessante trabalho do sr. Álvaro de Oliveira Machado, cujas conclusões são as de que tôdo cafèzal de mais de 30 anos deveria ser totalmente substituido por lavouras novas, formadas de progênies selecionadas, devendo ser abandonados os terrenos muito inclinados, principalmente nas zonas arenosas.

Seria desejável que os poderes públicos, os agrônomos (oficiais ou particulares) as entidades agrícolas e outras, estabelecessem uma orientação prática e segura nêsse terreno.

Os próprios lavradores, todavia, devem procurar fazê-lo, por si próprios, antes de qualquer providência com referência à irrigação. Se ela fôr aplicada devidamente, constituirá uma verdadeira panacéia. Mas, se o seu emprêgo não fôr adequado, a utilidade do processo será pequena ou nula, a despeito das grandes despesas realizadas.

Um cafèzal muito velho ou sem trato, situado em terreno muito íngreme, erosado ou excessivamente arenoso, não terá grande probabilidade de melhorar, apenas com a irrigação. E, caso isso aconteça, será uma melhoria esporádica, que não compensará os gastos do aparelhamento.

———o———

VENÇAMOS A ROTINA DO CAFÉ

William Wilson Coelho de Souza

Acha-se em andamento no Congresso Nacional o projeto de criação do Instituto Brasileiro de Café. Transitou na Câmara, foi ao Senado e agora voltou novamente a Câmara para que esta estude as emendas que foram apresentadas ao mesmo.

A sua estrutura funda-se principalmente no amparo comercial do produto, em torno do princípio da defesa dos preços. A custo foi introduzido um dispositivo que se propõe ao seu amparo agrícola através do Ministério de Agricultura.

Predomina ainda nos meios cafeeiros do Brasil a idéia de que as práticas de mais de dois séculos se acham certas e elas se repetem. Vemos por tôda parte surgirem novas lavouras seguindo práticas rotineiras.

Derribam-se as matas, fazem-se as plantações de morro acima, sôbre a cinza quente das queimadas; mantêm-se culturas intercalares, a plantação é feita de sementes nas covas. Mais tarde depois de formadas as lavouras, seguem-se os tratos culturais. Em S. Paulo fazem-se carreadores para se poder andar no meio das lavouras e estas seguem em linhas regulares. No Estado do Rio não se constroem os carreadores e nem são alinhadas simètricamente as culturas.

Na fase dos tratos culturais começam as depredações; a **coroação** das árvores antes das colheitas, dilacera as raìzes capilares do cafeeiro que debaixo da planta se alimentam da matéria orgânica acumulada pela queda das fôlhas e possibilita a erosão, porque o cisco é enleirado seguindo a linha de maior declive do terreno; terminada a colheita procede-se a operação contrária, que é a **esparramação** do cisco, nesta ocasião nova dilaceração sofrem as raìzes capilares que se formaram e procuraram os montes de cisco em busca da matéria orgânica alí acumulada. Durante o ano pelo menos três capinas gerais são feitas e estas por sua vez fazem novos cortes de raìzes. Tanto significa dizer que, os cafeeiros sofrem cinco vezes pelo menos, durante o ano, o choque traumático do corte de suas raìzes; além de que com a perda destas, ficam privados da alimentação porque é por meio dessas raìzes que as plantas se nutrem.

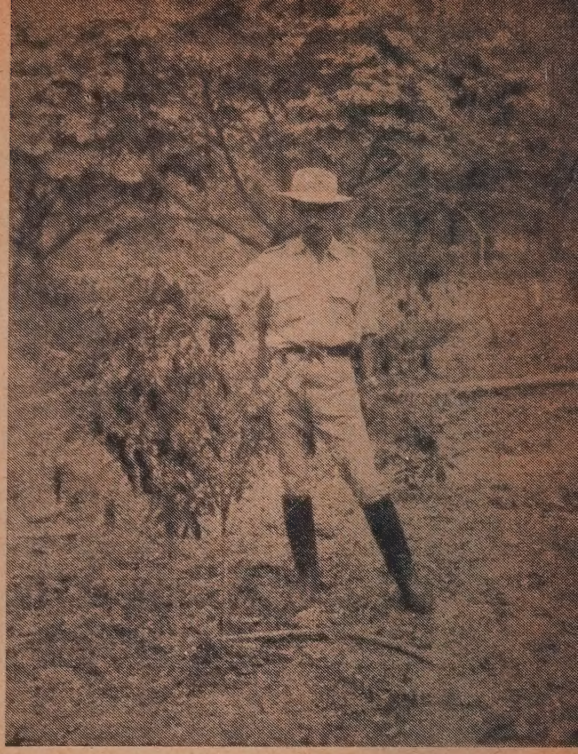
Ainda mais, em tôda a zona sul, as lavouras cafeeiras são mantidas no regimem de pleno sol, a custa do qual, o restante da matéria orgânica formada no solo dos cafèzais, é calcinada.

Sem contar o bárbaro sistema de colheita pela **derriça,** que decepa a copa das árvores, quebrando galhos, brotos, arrancando fôlhas, levando tudo que as mãos vandálicas dos colhedores alcançam. É a ocasião em que se arraza com as árvores, as quais sofrem na sua copa tal poda selvagem, completando a mutilação das raìzes já referidas.

Os lavradores mais cuidadosos procuram compensar tôdos êsses desatinos mandando fazer a **adubação** orgânica ou química de suas la-

vouras. Parecendo que as beneficiam desta maneira, paradoxalmente novamente as depredam, porque abrem-se sulcos circulares, ou semi-circulares, em volta dos pés de café, com os quais são cortadas muitas raizes. E assim se coloca o alimento a disposição das plantas, cortando os órgãos de apreensão dos mesmos e parte da adubação se perde.

Parece incrível, entretanto durante mais de dois séculos se atenta contra o solo das lavouras cafeeiras, se atenta contra estas e ninguém se apercebe do êrro. Êle se repete cada dia e sempre, originando as lavouras cafeeiras de árvores deformadas, raquíticas, depredadas, apresentando rendimentos irrisórios de menos de 15 arrobas por mil pés, cuja colheita só é possível fazer, em razão dos altos preços do produto presentemente.



Cafèzal sombreado, de menos de dois anos, já produzindo — Italva - Estado do Rio.

Cafèzal "coroado" para a colheita — Itaperuna - Estado do Rio.

E' êsse o panorama das atuais lavouras cafeeiras deficitárias de S. Paulo, como dos outros Estados. Sem contar que para traz delas ficaram as tristes invernadas, sem rebanhos e que cobrem as antigas zonas cafeeiras do Estado do Rio, S. Paulo, Minas, Espírito Santo e Goiás.

Foram-se nesse período, as matas e as lavouras cafeeiras, ficaram os morros desnudos, facilitando a intensidade dos fenômenos meteorológicos, como os ventos, frios e quentes, os tufões, o granizo, as trombas de água, as enchentes, as geadas e as sêcas, tornando difícil e precária a vida do homem e dos animais na região rural.

Tudo isso acontece, se verifica e os homens aceitam como fatalidades inevitáveis e não se apercebem de que êles foram os fatores propiciadores de tais fenômenos agrícolas, econômicos e meteorológicos. Todos querem os preços altos do café, para superar o custo elevado de produção de lavouras deficitárias, para cobrir todos os prejuízos, dando margem de lucro aos interessados. É o quanto basta.

Não importam os desertos improdutivos, que tais processos criaram; não interessa saber se seria possível obter cafés de melhor qualidade e a baixo preço. Tudo que se faz está certo e deve ser continuado; o essencial é que o café alcance sempre preços altos e compensadores; isto é tudo.

Felizmente um grupo de fazendeiros do Estado do Rio, Minas Gerais, Espírito Santo e de São Paulo, aceitou a idéia de adotar outros métodos de cultura cafeeira. Temos arrolados mais de uma centena de nomes.

O processo que adotamos abrange o conjunto de medidas seguintes:

1.º) No plantio em vez de derribar a mata para plantar o cafeeiro, preconizamos o plantio dêste nas terras velhas, de antigas lavouras, de pastos ou de outras culturas; 2) o emprêgo da cal no fundo das covas para neutralizar a acidez que se formou nas terras; 3) a abertura de covas fundas de 0,m60 x 0,50 x 0m,40; 4) a aplicação depois de um mês da **matéria orgânica** no fundo de tais covas, formando uma camada de 0,m10, podendo ser empregado o chamado adubo de cocheira de compôsto, ou estrume de aves, o melhor; 5) segue-se a plantação, no Estado do Rio, a plantação de sementes é feita em março e a de mudas em outubro; a primeira é aconselhável em grandes áreas, — a segunda nas menores; 6) as covas são marcadas e abertas em **curvas de nível,** nunca seguindo a linha de maior declive; 7) como preconizamos o **sombreamento** das lavouras, marcam-se, abrem-se e plantam-se ao mesmo tempo as três essências, o cafeeiro, as leguminosas para o sombreamento provisório e definitivo, empregando as distâncias seguintes: — para o cafeeiro, três metros; no caso de ser usada a Dorancê, 6 metros para esta e 9 a 10 e 12 metros para o Ingàzeiro, conforme a espécie a empregar, a natureza do terreno e a sua topografia.

Aconselhamos sempre a formação de mudas de cafeeiro nas Fazendas, porque servem para as replantas ou o plantio de áreas menores. Adotamos os vasos de barro, que são fabricados na Máquina "Torrão Paulista" e de uma mistura de barro e adubo de cocheira, em partes iguais. Verificamos que por êste processo as mudas têm alimento para seis meses. Em vez de Viveiros nas matas, adotamos Viveiros rústicos, feitos em quaisquer pontos da séde da Fazenda, onde haja água corrente. Nêles formam-se também as mudas de Dorancê e de Ingàzeiros.

Há dois pontos fundamentais dêste sistema, o primeiro é a neutralização da acidez pelo emprêgo da cal e depois o da matéria orgânica,

indispensável, a formação da lavoura. Como as terras velhas se encontram muito depredadas, é preciso torná-las neutras e rehumificá-las. É fundamental no plantio o emprêgo da matéria orgânica, é êle que forma o meio próprio para a vida do cafeeiro. Como as leguminosas levam cêrca de cinco anos para formar um bosque capaz de rehumificar o solo, é indispensável que se plantem as leguminosas anuais — o feijão de porco, ou a Crotalária júncea. Entre 5 a 7 anos está formado o Bosque de Ingàzeiros. O seu efeito sôbre as lavouras cafeeiras não é só de protegê-las contra as intempéries, inclusive a erosão; é sobretudo pela intensa produção de matéria orgânica, que os Ingàzeiros operam, formando 2 a 4 quilos de massa por metro quadrado ao ano.

MUDAS DE CAFÉ

bem assim como de plantas frutíferas e ornamentais V. S. encontrará na firma

DIERBERGER AGRÍCOLA LTDA.

Fazenda Citra

Caixa Postal, 48 — LIMEIRA — Estado de S. Paulo

LISTAS DE PREÇOS, FOLHETOS E ORÇAMENTOS SERÃO REMETIDOS GRATUITAMENTE A QUEM OS SOLICITAR

EQUILIBRE SUA ADUBAÇÃO COM

POTASSA

A GRANDE REGULADORA DAS COLHEITAS PESADAS.

COMPLEMENTO DO FÓSFORO

INDISPENSÁVEL E DO AZÔTO

Use Cloreto 60% ou Sulfato de Potássio 48% K20 — Fosfato bicálcico "Fertiphos" — 38 a 42% P205 — Sulfato de amônio 21% N

Folhetos gratuitos e informações para importação:

SOCIEDADE DE POTASSA E DE PRODUTOS AGRÍCOLAS LTDA.

Av. Ipiranga, 674 - 7.º - Salas 708 a 712 - Fone 34-1247 - Caixa Postal 6082

SÃO PAULO

CONTABILIDADE AGRÍCOLA E PASTORIL

J. BEMELMANS
Engenheiro Agrônomo

(Continuação)

V

DOS LIVROS E SUA ESCRITURAÇÃO

Obrigações Legais

1.º) As obrigações legais de escrituração agrícola decorrem das leis federais e das leis estadoais.

Até esta data (fim de 1952) as leis federais são:

o Código Civil (Lei 3.071 de 1-1-1916) artigos 1216 a 1236 e
" 1410 a 1415

o Decreto Federal 6.437 de 27-3-1907, que exige para todos os "operários agrícolas", uma "caderneta" onde deverá figurar êste decreto, caderneta que possuirá termo de abertura, tôdas as fôlhas numeradas e rubricadas, termo de encerramento, cujos lançamentos serão feitos cronològicamente, e com a declaração mensal do saldo devedor ou credor.

A lei federal apenas exige a "caderneta".

2.º) No Estado de São Paulo existem leis estadoais complementares:

o Decreto Estadoal 2.400 de 9-7-1913; art. 324, 325, 326, etc.
o " " 4.819 de 17-1-1931; art. 13
o " " 6.405 de 19-4-1934, art. 52, 55, 58, etc.

Além da caderneta, estas leis exigem também o livro de contas correntes operários, com as mesmas formalidades.

3.º) Os agricultores não devem possuir os livros exigidos dos comerciantes e industriais, pela parte essencialmente agrícola da propriedade.

No Estado de São Paulo, êles estão todavia, sujeitos ao impôsto de vendas e consignações, que deve pagar "na compra", o industrial ou comerciante, e por isso é em geral, descontado do valor estabelecido.

Êste ponto é porém duvidoso perante a letra **b** do artigo 3.º do Decreto 8.255 de 23-4-37, revigorado pela Lei 1.221 de 16-10-1951 e regulamentado pelo Decreto 20.942 de 13-11-1951.

Todavia, são isentos dêste impôsto "os pequenos produtores, sendo assim definidos os que tiverem produção anual inferior a 30.000 cruzeiros (Decreto 8.255; art. 3.º, letra a), modificado pelo Decreto n. 21.963 de 29 de dezembro de 1952).

Êles devem requerer isenção de acôrdo com essa lei.

4.º) As sociedades particulares ou anônimas, e as companhias devem ter, além dos livros que os comerciantes são obrigados a possuir

(Diário, Copiadores de cartas, contas e faturas), os seguintes, revestidos das mesmas formalidades legais:

Registro de Ações Nominativas,
" de Transferência de Ações Nominativas,
" das Partes Beneficiárias Nominativas,
" de Transferência das Partes Beneficiárias Nominativas,
Livro de Atas das Assembléias Gerais,
" de Presença dos Acionistas,
" de Atas das Reuniões da Diretoria
" de Atas e Pareceres do Conselho Fiscal.

(Decreto Federal 2627 de 26-12-1940)

Livros Necessários

Os livros necessários são:	formato	fólios
1 Livro Razão	22 x 32	50
1 " Auxiliar	22 x 32	200
1 " Contas Correntes	22 x 32	200
1 " C/C Empregados	22 x 32	200
1 " Caixa 16 x 23 ou	22 x 32	50 a 200
12 " Ponto mensais p/ serviços do pessoal	48 x 64	36
1 " " p/ serv. animais e motores	22 x 32	50 a 100
2 " Inventário (costaneiras)	22 x 32	50
Eventualmente existirá:		
1 Livro Diário	32 x 45	200
1 " Copiador de cartas	22 x 32	50 a 100
1 " " de faturas	22 x 32	50 a 100
Livros para Sociedade Anônima.		
Para o movimento diário ainda são necessários:		
1 Livro de Colhedores	22 x 32	200
Fichas DEVEDOR/CREDOR p/ mov. em geral	10 x 20	2 vias
" de EXPEDIÇÃO para movimento do almoxarifado	10 x 20	3 "
" de RECEBIMENTO para movimento do almoxarifado	10 x 20	2 "
" p/ Médico e Farmácia mov. do pessoal	10 x 20	3 "
" individuais p/ SEMOVENTES, formato	12,5 x 20	cartolina
" " " MATERIAL, formato	12,5 x 20	"
" de Ponto Individual p/ EMPREGADOS	22 x 32	"

Tantos livros Pontos de bolso, para quantos fiscais houver.

Generalidades

Não entraremos aqui em detalhes sôbre os fatos elementares de grafia dos livros, como a escrituração dum lançamento, a correção de êrros etc.

Apenas lembraremos que deve-se evitar o mais possível os estornos, que enfeiam a escrita, falseam os totais do Razão, e dão má impressão do encarregado, quando em excesso.

Também devem ser evitados os famosos "mapas" que contém uma série de colunas predestinadas pelas inscrições impressas.

A escrituração (grafia) dos livros e documentos deve ser feita cronològicamente, isto é por ordem de data.

Todos os lançamentos deverão mencionar:

a data,
as pessoas ou entidades participantes,
a descrição da operação:
espécie de nota (fiscal, entrega)
número da nota
descrição detalhada da mercadoria (espécie, unidades, valor)
áreas trabalhadas,
dias e horas de serviço.

Exemplos:

Por Caixa:

DEVEDOR: MATERIAL
CREDOR : CAIXA

M/ compra na Casa Martins cf. s/ nota fiscal 1227

Acessórios e Peças:	10 kg arame liso n.º 12		100,00
	5 kg pregos 18 x 24		50,00
Drogas e Medicamentos:	10 kg arsénico		150,00
			300,00

Fazenda Bela Vista, 18 de novembro de 1948

Nunca lançar:

Pago nota 1227 da Casa Martins 300,00

Por Contas Correntes:

DEVEDOR: MATERIAL
CREDOR : CONTAS CORRENTES — Josué Martins & Cia.
Sua nota de entrega n.º 247:

Ferramentas e Utensílios	1 colher de pedreiro	20,00	
	1 martelo	25,00	
	2 raspadeiras	18,00	63,00
Máquinas agrárias	1 arado Veado 3/4		600,00
			663,00

Fazenda Bela Vista, 18 de novembro de 1948

NOTA: — O detalhe é destinado ao lançamento nos subtítulos do **material**; o número da fatura, sua data, seu valor, englobado, serão lançados no **Contas Correntes.**

A contabilidade agrícola pode classificar-se em:
Diária, pela escrituração dos Livros Pontos
das Fichas de lançamentos
do Livro Caixa
Mensal, pela escrituração do Livro de Contas Correntes
do Livro Empregados
da recapitulação dos Livros Pontos
da recapitulação das Fichas diárias
do Livro Razão
do Balancete mensal de verificação
Anual, pela escrituração do Inventário
do Fechamento anual da contabilidade
Decenal, pela escrituração dos anos sucessivos.

A contabilidade agrícola deve ser uniforme, a fim de permitir a comparação dum ano com os outros. A uniformidade deveria mesmo atingir tôdas as fazendas dum mesmo proprietário, ou dum Estado.

O ano agrícola, ou exercício agrícola, ou exercício, raramente corresponderá ao ano civil. Seu início ou fim é regulado pelo fim da colheita de maior vulto.

Assim, para os Estados do Centro do Brasil, sendo a lavoura dominante:
o café, o ano agrícola começará a 1 de outubro,
o algodão " " " a 1 de setembro

(continua)

RESTAUREM SEUS CAFÈZAIS COM AS MISTURAS "POTAC"

FOSFATO BICÁLCICO
38/42% P205

Adiantem sua primeira colheita adubando a plantação com as misturas especiais "POTAC".

CIANAMIDA CÁLCICA
20/21% N.

Enriqueçam seu composto com CIANAMIDA CÁLCICA, FOSFATOS E POTASSA.

POTASSA E ADUBOS QUÍMICOS DO BRASIL S. A.
Rua Florêncio de Abreu, 36 — 5.º andar — Telefone: 36-6163 — São Paulo

Considerações sôbre o combate á broca do café

C. A. SEIXAS
Engenheiro Agrônomo

Há séria possibilidade de infestação pela broca do café de diferentes zonas produtoras de São Paulo e do Paraná, devido principalmente ao fato de terem ocorrido várias chuvas durante o período mais sêco do ano de 1952. Êste fato, sem dúvida auspicioso, do ponto de vista da planta e da produção, proporciona à broca melhores condições de vida e de multiplicação.

Os frutos de floradas prematuras se constituem em abrigo seguro para as fêmeas adultas já fecundadas, que aí depositam seus ovos que resultam nas primeiras gerações do ano. Assim, já em novembro haverá nos cafèzais, principalmente nas baixadas, uma população capaz de infestar os frutos que vão "granando", possibilitando a disseminação na praga na lavoura.

Tornam-se, portanto, recomendáveis as providências abaixo indicadas, que visam a observação dos movimentos da praga nas lavouras e o seu combate no momento oportuno:

— Verificação dos frutos não só das baixadas como nos espigões. A broca inicia suas perfurações nesta época do ano, através da "corôa" dos frutos cerejas ou verdes que já tenham consistência, isto é, que já tenham perdido o excesso de água;

— As baixadas devem ser examinadas com maior rigôr. Nas regiões onde a praga já causou anteriormente prejuízos intensos, deve-se polvilhar tôdas as baixadas e grotas frescas (fócos) o quanto antes, a fim de evitar que haja invasão em tôda lavoura. É medida econômica de todo aconselhável a repetição dos polvilhamentos nestas áreas cada 30 dias, no período mais agudo de infestação;

— Tão logo se verifique o início de perfuração dos frutos na lavoura de um modo geral, deve-se proceder ao polvilhamento cuidadoso de tôda área cultivada para evitar que as fêmeas penetrem nos frutos. Feito o primeiro polvilhamento, um segundo, 25 dias depois, completará o contrôle da praga, protegendo a safra;

— São recomendados dois polvilhamentos porque só desta maneira se obtem ação tóxica de contato durante todo o período em que as fêmeas transitam dos frutos velhos e esgotados para os novos da safra em formação. Impedir êste trânsito é assegurar proteção da safra;

— O inseticida de uso indicado é o BHC, à concentração de 1% de insômero gama. Muitos lavradores empregam a concentração de 1,5% para compensar possíveis defeitos de aplicação, o que de certo modo se justifica. A concentração de 2% não encontra nenhuma indicação técnica, constituindo o seu emprêgo um desperdício;

— Quanto à eficiência das máquinas de polvilhar não há diferença

entre um tipo e outro, desde que sejam operadas com cuidado. Tanto as polvilhadeiras manuais como as providas de motores e ainda os aviões são capazes de boa distribuição de pó inseticida. A qualidade do trabalho que se obtem depende exclusivamente do critério de quem esteja manejando o aparêlho polvilhador;

— A quantidade de pó inseticida que deve ser aplicada por mil cafeeiros é de 40 quilos. Esta quantidade foi calculada para se obter perfeita cobertura dos cafeeiros no período de sua maior vegetação;

— Os tratamentos executados tàrdiamente perdem muito de sua eficiência, porque o inseticida não intoxica a broca e sua prole no interior do fruto. Tão logo se reduza a ação do BHC a praga passa a se multiplicar e chega a causar prejuízos a despeito dos tratamentos **feitos fora de época;**

— A época exata para o início dos polvilhamentos, varia de outubro a dezembro, dependendo da zona e da distribuição das chuvas durante o ano.

O revestimento abundante é condição essencial para o cafeeiro produzir satisfatòriamente.

Restaure a parte foliácea e aumente os ramos produtivos do seu cafezal com o auxílio do Azôto Nitrico do **SALITRE DO CHILE** aplicando em cobertura 300 gramas por cafeeiro: metade de Julho a Outubro e o restante de Dezembro até fins de Janeiro

Totalmente assimilável e aproveitado desde a sua aplicação, revigora e estimula o desenvolvimento e satisfaz as exigências da planta.

Como atestam centenas de cafeicultores progressistas, o **SALITRE DO CHILE** é o adubo que SEMPRE proporciona os melhores resultados.

Obtenha o maior beneficio de sua adubação consultando gratuitamente ao Departamento Agronômico de

ARTHUR VIANNA CIA. DE MATERIAIS AGRICOLAS

Rua Florêncio de Abreu, 270 — São Paulo

Resumos e Transcrições

UM GRANDE E URGENTE PROBLEMA NACIONAL

Publicamos abaixo, **data vênia,** êste magnífico excerto de uma conferência do Prof. **Custódio Lima,** catedrático de Botânica da Universidade de Minas Gerais.

O autor, falando de Minas e para os mineiros, intitulou seu trabalho de **"Problema urgente de Minas Gerais".** Julgamo-lo, todavia, um grave e urgente problema nacional, motivo por que, ao transcrevê-lo, tomámos a liberdade de dar ao título um sentido mais amplo.

Focalizaremos, hoje, o importantíssimo e urgente assunto da defesa da flora e fauna mineiras, ameaçadas de extermínio em futuro próximo.

Queremos trazer a público um problema fundamental da comunidade mineira. Dêle dependem todos os demais, uma vez que está em jôgo a própria sobrevivência das gerações futuras, ameaçada pelo deserto em que se transformará, irremediàvelmente, o nosso Estado, com a destruição implacável, em rítmo crescente, de suas últimas reservas florestais.

Agradecemos ao Dr. Dirceu Duarte Braga, diretor da 5.ª Inspetoria Regional Florestal, os dados fornecidos e, igualmente, a todos que nos auxiliaram com suas informações.

Não nos move nenhuma exploração política, demagógica ou cabotinista. Não somos pessimistas. Pelo contrário. Procuramos apenas citar fatos, que são do conhecimento de todos, e que precisam ser focalizados para debate e resolução imediata. Ninguém se iluda. Ou resolvemos, hoje, o gravíssimo problema da defesa do nosso já minguado patrimônio florestal e do reflorestamento intensivo das áreas devastadas ou, amanhã, será muito tarde e teremos então transformado Minas Gerais numa região semi-árida e inabitável.

Vejamos algumas conclusões de dados estatísticos irrefutáveis, capazes de estarrecer o mais indiferente dos brasileiros: —

1) Consome o Brasil, sòzinho, mais combustível do que todo o continente europeu, de tão elevada densidade demográfica.

2) Minas Gerais é o Estado que mais gasta lenha e carvão vegetal em todo o Brasil. Consome quase a metade do gasto total de combustível vegetal em todo o país. Há, além disso, um grande consumo de madeiras. É, também, considerável a destruição florestal por incêndios ou queimadas.

3) NOS PRÓXIMOS TRINTA ANOS, POR MÍNIMO QUE SEJA O AUMENTO DA DEVASTAÇÃO DE MATAS, ESTARÁ DESAPARECIDA A RESERVA FLORESTAL DE MINAS GERAIS.

4) Com êsse desaparecimento estará igualmente extinta a fauna silvestre, já pouco numerosa, de nosso Estado.

Façamos, agora, um raciocínio elementar, mas de uma lógica insofismável: se com o atual e já escasso patrimônio florestal que nos resta, já estamos com uma instabilidade e aridez progressiva do clima, com uma sêca inclemente ameaçando tudo, com usinas hidro-elétricas sèriamente prejudicadas pelo secamento sempre crescente de nossos rios, com acentuada alteração no regime das chuvas, que se tornam irregulares ou torrenciais, causando anualmente grandes inundações, provocando a erosão e a miséria, qual será a nossa situação nos próximos anos, em face da destruição vandálica e crescente dêsse patrimônio?

Nunca se destruiram tantas florestas como atualmente em Minas Gerais. Basta viajar pelo interior. Mesmo as capoeiras ralas que se formavam em alguns lugares outrora se levantavam majestosas florestas, cuja fauna foi inteiramente extinta, foram transformadas em lenha e carvão e depois arrasadas pelo fogo, impedindo assim qualquer reflorestamento natural.

Até as florestas do Caraça, de interêsse histórico, paisagístico e turístico, protegidas pelo Código Florestal, já começaram a ser derrubadas! Todos os animais nela ainda existentes estão condenados fatalmente ao extermínio. E dizer-se que também existe um Código de Caça e Pesca para evitar essa destruição. Pobres irracionais que tiveram a desgraça de nascer nas florestas mineiras, perseguidas pelo machado do "civilizado" e pelo fogo das queimadas.

É por isso que quase já não há caça em nosso Estado. E as pescas a dinamite?

Desaparecem as plantas medicinais, as orquídeas raras, as madeiras de lei. Nunca se fez a exploração industrial racional de uma mata, como na Suécia e na Itália, por exemplo, cortando aquí e alí, para que as mudas ou as sementes das espécies cortadas pudessem subsistir.

Na Suiça, país admirável, existe um verdadeiro culto à natureza.

Protegem-se, patriòticamente, a fauna e a flora. Só podem ser abatidas as árvores marcadas com um carimbo especial das autoridades florestais, seguindo-se o imediato replantio.

Nos Estados Unidos, o Serviço Florestal e o Departamento de Caça e Pesca, dotados de amplos recursos, exercem uma fiscalização eficientíssima e rigorosa, impedindo, assim, o desaparecimento de vegetais ou animais peculiares de uma determinada região.

Aqui, não. Cortam tudo, matam tudo. Fauna e flora. Depois arrasam com o fogo o que poderia ainda viver.

Depois de mim o dilúvio... Ou melhor: —Depois de mim o deserto... pois para dilúvio é preciso haver água e esta estará brevemente racionada em todo o Estado, com a progressiva redução de nossos rios.

E as florestas amenizam o clima, diminuem o calor excessivo, purificam o ar, protegem as nescentes dos rios, controlam a impetuosidade dos ventos e a distribuição regular das chuvas, conservam no solo as reservas de humus e evitam a erosão, quer pelas águas, quer pelo vento.

"A vida florestal é indispensável ao equilíbrio da vida terrestre. É o vegetal o único laboratório natural, no mundo, capaz de separar, em oxigênio respirável e carbono útil, o anidrido carbônico nocivo ao nosso organismo".

Pela transpiração vegetal, verifica-se a quantidade considerável dágua que as florestas armazenam e que eliminam regularmente, evitando, assim, a extrema secura e aridez da atmosfera. Para prová-lo, basta uma simples experiência:— Introduz-se um ramo provido de fôlhas, sem separá-lo da planta, num balão de vidro, fechando-se bem a sua abertura. Exposto ao sol, dentro de 5 minutos, a

água transpirada pelas fôlhas vai-se condensando nas paredes do balão. Depois de algum tempo, gotas dágua correm por suas paredes.

"Em um hectare de terra, num dia de verão, a floresta suga, da terra, de 25 a 30 mil litros dágua, que entrega à atmosfera, sob a forma de vapor, na constituição de nuvens. A mata é, também, anteparo ao vento sêco que aniquila" — (Anísio Godinho — **Os Fazedores de desertos**).

Por êsse motivo, numa vasta área, despida de vegetação, a impetuosidade dos ventos ou a aridez atmosférica podem impedir a formação de nuvens e, sem elas, é claro que não poderá chover. Mesmo as chamadas "chuvas artificiais", ainda tão discutidas, jamais poderão ser provocadas em pleno céu azul, sem vapor dágua para formar nuvens...

Onde há matas existem água e chuvas regulares. No Estado do Amazonas, por exemplo, com imensas florestas e grandes massas dágua, chove regularmente, quase tôdas as tardes, como é do conhecimento de todos.

O elevado coeficiente florestal mantém, "a saturação atmosférica em umidade, saturação que permite atinjam ao solo as águas fluviais das nuvens que passam se desfaçam em chuvas."

"Nos campos, em geral, chove menos que nas florestas, exatamente por êste fato; quanto maiores os campos, mais sensível a ação secativa dos ventos dominantes e inibitória das chuvas.

É bem conhecido o fenômeno das chuvas na atmosfera alta, no deserto do Sahara, e de que nem uma gota atinge o solo!

Calculou Robin que a tensão de 8 a 11 mm que, em Paris, dão as chuvas de setembro a outubro, corresponde apenas a 22% do que seria necessário só para saturar a atmosfera do Sahara.

As florestas, assim, se não atraem as chuvas de longe, como se fossem íman, condicionam pelo menos trechos propícios às precipitações convenientes, porque sua atmosfera é úmida". (A. J. de Sampaio — **Fitogeografia do Brasil**, 2.ª Edição).

Sem florestas, as chuvas são raras, irregulares ou torrenciais, produzindo inundações e erosão. Sem elas, evidentemente, tôda a fauna característica de uma região se extingue para sempre.

Sabendo-se que as matas constituem um obstáculo natural à violência dos ventos e que as correntes atmosféricas têm uma importância capital na distribuição das chuvas, não é difícil explicar-se o fenômeno atual do desequilíbrio pluvial em todo território mineiro: longas estiagens que serão seguidas de grandes e violentas precipitações, como as ainda recentes inundações verificadas na, hoje, impròpriamente, chamada Zona da Mata.

CONSEQUÊNCIAS ATUAIS DA DEVASTAÇÃO DAS MATAS:

Sêca geral ameaçando a lavoura e a pecuária.

Até mesmo o Sul de Minas, considerado por Saint Hilaire, como a "Suiça Brasileira", já está perdendo a amenidade de seu clima e as condições propícias para a importante cultura do café.

Vem a propósito reproduzir aqui a notícia publicada no "Diário de Minas", de 25 de Outubro p. passado: —

Varginha — Sêca total em virtude do desflorestamento — A população desta cidade está atravessando atualmente um período de sérias dificuldades, decorrentes da falta de chuvas. As autoridades locais, investigando o fato, verificaram ter

o mesmo origem na grande derrubada das matas em todo o município, sem o devido reflorestamento. Em virtude disto, já está sendo solicitada à Câmara Municipal a aprovação de uma lei proibindo a derrubada das árvores e criando o cargo de guarda florestal, para que possa ser solucionado o problema".

As sêcas nordestinas já atingem a zona mineira de Pirapora, onde havia matas e caça, em profusão extraordinária, há cêrca de 18 anos!

Em 10 anos extinguiu-se por completo a área florestal que ia de Cel. Fabriciano a G. Valadares! Flora e fauna arrasadas. E fogo para destruir o resto.

Aqui, cabe uma observação gravíssima: — Nessa extensa região, as florestas protegiam, em alguns lugares, um solo arável de apenas poucos centímetros de espessura, sob o qual se pode notar a presença de areia... do futuro deserto. Em G. Valadares, tiveram de mudar o cemitério, pois os cadáveres se mumificavam no terreno arenoso!

Não é necessário comentar aqui o crime da destruição da faixa florestal protetora.

Nos Estados Unidos, o Serviço de Conservação dos Solos teria aberto um inquérito e metido na prisão os direta e indiretamente responsáveis por êsse crime de lesa-pátria.

Belo Horizonte possuia um conjunto de condições climáticas estáveis, único no Brasil. Já perdeu seu clima delicioso, afamado no estrangeiro, apresentando mais de 35° centígrados à sombra, isto numa altitude de quase mil metros!

O higrômetro, marcando 18 gráus, deixa entrever características de deserto!

Tôdas as matas de suas imediações foram completamente devastadas. E o polígono das sêcas continua avançando incessantemente para a antiga cidade jardim...

A destruição é tão considerável que o próprio siderurgista e industrial paulista, Sr. Garcia Rossi, em entrevista aos "Diários Associados", quando da mesa redonda da siderurgia, nesta capital, "se mostrou vivamente impresisonado com a devastação das matas, que vem, ùltimamente, acontecendo em proporções comprometedoras em nosso Estado".

A Capital mineira está atravessando um rigoroso período de sêca, o maior de tôda a sua história. Só em 1914, segundo dados meteorológicos, houve aqui uma situação semelhante, mas de duração muito menor, pois, no dia 4 de novembro, dêsse ano, começou a chover copiosamente.

Há muito, portanto, não se conhecia essa estiagem tão prolongada e acentuada, pois é comum chover no dia de Finados. Bruma sêca, proveniente de queimadas, há mais de quatro meses, prejudicando, principalmente, nossos órgãos visuais, as viagens aéreas e afugentando o turismo do nosso Estado, sem falar no estado de depressão psíquica a que nos conduz. Nós, mineiros, já não podemos ver o azul do nosso céu! Não será um aviso da natureza e um castigo para nossa imprevidência?

Meditem os "fazedores de deserto" nas trágicas conseqüências de sua criminosa atividade.

Há uns 8 anos, aproximadamente, a bruma sêca aparecia apenas em agôsto, o "mês das queimadas", desaparecendo em setembro, com as primeiras chuvas regulares.

A sêca ameaça o próprio serviço de reflorestamento. Uma nova calamidade nos aguarda: — A estiagem prolongada, em futuro próximo, passará a impedir qualquer tentativa de reflorestamento, matando as mudas das essências. Então,

chegaremos ao círculo vicioso apavorante: — Existe sêca porque não temos matas para regularizar o regime das chuvas. Não temos florestas, porque nós as devastamos e a sêca não permite o reflorestamento!

SECAMENTO PROGRESSIVO DOS RIOS

O fenômeno do secamento de rios já se observa, com mais intensidade, no Norte mineiro. O potencial hidráulico se reduz aliás, progressivamente, em todo o Estado, com a destruição florestal. "Que espanto teriam os antigos se vissem na, atualidade, as derrubadas loucas e enxutos cursos dágua que eram ribeirões volumosos? Num dos seus inúmeros e interessantes trabalhos de propaganda pela conservação das matas, o erudito engenheiro queluziano Lourenço Baeta Neves demonstra que as matas retêm as águas das chuvas, conservam a umidade de solo e mantêm o volume dágua das nascentes, dos córregos, dos ribeirões e dos rios: — Duas pranchetas inclinadas, uma de tábua lisa, outra coberta de pano. A água deitada com um copo, escorre tôda ràpidamente na prancheta núa".

Destruindo as florestas, teremos, portanto, forçosamente, que construir açudes, promovendo, através de barragens dispendiosas, a formação de grandes massas líquidas.

O Dr. Baeta Neves previu a modificação atual do regime de chuvas na chamada região metalúrgica e em outros pontos do território mineiro, pela total devastação do patrimônio vegetal, sem o devido reflorestamento.

"O que se passa com a Usina do Gafanhoto, de cujo grupo de três turbinas só uma funciona nas sêcas, por falta dágua, instalada pràticamente ontem, revela o que nos pode reservar o futuro. Êsse secamento lento do Rio Pará, aliás, fôra previsto por mim, em abril de 1945". (Dr. Dirceu Duarte Braga). Isso ocorreu principalmente pela estúpida derrubada de matas protetoras de suas cabeceiras ou das nascentes de seus tributários. Por que não abrir um inquérito para apurar a responsabilidade dêsse crime, sobretudo contra o aumento do potencial hidroelétrico de Minas?

O Rio S. Francisco, em certos lugares, como nas proximidades da Fazenda da Prata, por exemplo, a 9 km de Pirapora, região onde havia grandes florestas, pode, hoje, ser fàcilmente atravessado, com a água pouco acima dos joelhos! Não se precisa mais canôa. O vapor "S. Salvador" acha-se, aliás, encalhado nêsse local, com a tripulação sondando o rio, tentando inùtilmente prosseguir viagem!...

E as enormes perdas de gado! E a agricultura inteiramente sacrificada?

O "Estado de Minas" insere, como um brado de alerta: —Comprometida a região do Vale do Rio Doce. Sistemática derrubada de matas ameaça transformar aquela região em árido deserto".

"Aimorés (Do correspondente) — É de fato contristador o espetáculo que hoje se constata no Vale do Rio Doce, com a destruição sistemática de suas florestas. A outrora exuberante riqueza florestal da região encontra-se, atualmente, reduzida a uma pequena porção de terrenos, cuja existência também já está ameaçada".

"... Uma extensa e promissora região de Minas está na iminência de se transformar em árido deserto, inútil, para qualquer iniciativa agrícola.

Em vista do que vem acontecendo, o próprio Rio Doce, antigamente caudaloso, está sendo atingido, pois ano a ano se nota o decréscimo do seu nível dágua".

Já se acham, aliás, sèriamente comprometidas as cabeceiras de todos os grandes rios mineiros, devido à criminosa devastação das matas protetoras, o que

vem provocando uma redução alarmante do volume dágua e, conseqüentemente, do potencial hidro-elétrico do Estado. Sem falar nos pequenos cursos dágua que desapareceram com a destruição do manto vegetal que lhes defendia as nascentes. Isso é do conhecimento de todos e temos exemplo até mesmo em nossa Capital!

Sem florestas não haverá cursos dágua regulares. Sem êsses não funcionarão as usinas hidro-elétricas para o fornecimento de energia suficiente e a preço acessível.

E as longas estiagens aniquilarão, igualmente, o progresso da lavoura e da pecuária, em território mineiro.

É por isso que dissemos ser a defesa intransigente de nossas já minguadas reservas florestais e o urgente reflorestamento das áreas devastadas, um problema fundamental do Estado de Minas.

REFLORESTAMENTO

O que se fez até agora representa uma gota dágua no oceano. Há apenas 4 anos que o Dr. Dirceu Duarte Braga, com a inauguração do Serviço Florestal, começou êsse trabalho, lutando com a falta de verbas para tão grande tarefa.

As organizações que consomem lenha e carvão vegetal nunca promoveram um verdadeiro reflorestamento. Apenas plantaram alguns milhares de pés de eucaliptos, para impressionar os visitantes e que são insuficientes para alimentar suas indústrias por espaço de poucos meses!

Algumas companhias siderúrgicas, felizmente já iniciaram, há quatro anos, o reflorestamento em suas terras, embora a proporção insignificante, em progressão aritmética, em relação ao grande consumo de carvão vegetal, em progressão geométrica.

Sob o título "Siderurgia e Florestamento", publica, em primeira página o "Globo", do Rio: — "De regresso da Europa, o diretor da principal indústria siderúrgica de Minas Gerais anunciou o propósito de ampliar a produção de suas usinas até o total de 250.000 toneladas de aço anualmente. Ocorre, porém, que essa emprêsa trabalha a base de carvão vegetal e, por isso, tem contribuido para desvastar a cobertura vegetal de uma enorme extensão do nosso território. Até hoje, não foi possível lograr da sua parte uma prática florestal capaz, a exemplo do que ocorre na Suécia, de produzir gusa com carvão vegetal e manter intacta a reserva florestal brasileira. Os novos totais a atingir na produção dessas usinas imporão, como é natural, um consumo ainda maior de lenha para a obtenção de carvão. Se algo não fôr feito, portanto, para modificar os métodos até aqui imperantes, a crise florestal em Minas Gerais e no Espírito Santo se agravará perigosamente. Precisamos de mais ferro e aço, mas necessitamos, com empenho não menor, impedir que o desflorestamento do Brasil continue a se processar de maneira trágica "(novembro de 1951).

"A questão não interessa apenas ao futuro da coletividade, que se compromete com essas destruições intermináveis de reservas florestais, como também a própria siderurgia, que fica sujeita à contingência de, em dias muito próximos, não contar mais com essas reservas para alimentar os altos fornos.

Mais um exemplo da nossa despreocupação pelo dia de amanhã.

Vejamos o "Estado de Minas", de 28 de outubro último:

"Itaúna (Do correspondente) — Esta cidade atravessa no momento uma verdadeira febre de construção de altos fornos para ferro. Nada menos de dois

estão em construção. Mais dois estão sendo incorporados. Êstes quatro somados aos quatro que já existem, darão uma produção de mais de cem toneladas diárias de ferro gusa. O resultado disso é que o preço da lenha sobe assustadoramente, enquanto que as companhias de tecidos e de ferro estão adquirindo quase tôdas as matas dos municípios vizinhos".

Prestaram atenção? Refletiram? Nem uma palavra sôbre reflorestamento! É preciso apenas ganhar dinheiro. O futuro de Minas não interessa. Até lá já teremos morrido. É o pensamento dominante.

E isso depois de dados oficiais terem sido publicados, prevenindo-nos que, daquí a 30 anos, por mínimo que seja o aumento da devastação, não haverá mais florestas em nosso Estado!

E também depois dos mesmos dados oficiais terem advertido que qualquer reflorestamento que se faça agora e urgentemente, na base mínima de 50 milhões de árvores por ano, representará, entretanto, êsse plantio, 50% apenas do que deveria ser recuperado! E a sêca que já agora amaça o reflorestamento?

Entenderam? Teremos que plantar num ano o que a Cia. Paulista levou 16 anos a reflorestar! E isso representará apenas 50% do que deve ser feito!

Estamos diante de um problema gravíssimo: — A sêca atual aumentará de ano para ano por menor que seja a devastação de nossas matas e impedirá, em dias próximos, qualquer tentativa de reflorestamento! E nós precisamos reflorestar com 50 milhões de árvores por ano! E o maior reflorestamento que se fez em Minas Gerais levou quatro anos para plantar apenas 4 milhões de árvores!

O problema é gravíssimo, repetimos. Só os voluntàriamente cegos é que não querem considerá-lo. Não adianta ao avestruz esconder a cabeça debaixo da asa. A dura realidade está aí: impressionante, atual, baseada em dados oficiais e nos horrores da sêca que assola o Estado.

Como impedir a marcha para o deserto?

Só há uma solução radical: — proibição de devastar qualquer mata em Minas Gerais, e reflorestar imediatamente as áreas devastadas. Mas, isso só é teòricamente possível, evidentemente. E o problema continua quase sem solução prática.

Meditem mais uma vez os fazedores de deserto nas conseqüências gravíssimas de sua imprevidência criminosa.

Temos que impedir, **manu militari**, a continuação de sua nefasta atividade.

E todos os jornais da capital comentam e alertam a todos os responsáveis por essa situação: — "Aviso da natureza", "Horrenda sêca assola o Estado", "Grandes perdas de gado em Paracatú", "O Sahara do Brasil" (novembro de 1951).

"Estamos diante de um dos mais sérios problemas nacionais que está bradando por solução enquanto ainda é tempo.

Se essa medida tardar, talvez não seja mais praticável, pelas tremendas dificuldades que se nos apresentarão, no futuro, com um clima inteiramente hostil à recuperação florestal.

Sem chuvas não é possível o reflorestamento intensivo e o ciclo das chuvas diminui o seu período, de ano para ano e aumenta na mesma proporção o regime torrencial, que destrói mais do que recupera.

Os nossos legisladores devem meditar sôbre as condições terríveis que vão deixar as gerações futuras, nesse imenso território sem água.

O drama do Nordeste Brasileiro, castigado pelas sêcas e assolado por inundações, a reclamar do poder público verbas vultosas para socorrer seus flagela-

dos, constitui um dos quadros mais negros da nacionalidade e a mais expressiva advertência aos Estados do Brasil Central.

As verbas que já foram votadas para socorrer os desastres da sêca e das inundações do país, seriam suficientes para a realização de um grande plano de proteção florestal e de recuperação pelo reflorestamento" — Dr. Dirceu Duarte Braga).

Entretanto, o Govêrno do Estado, a cuja frente se acham espíritos esclarecidos e de orientação objetiva, como o Governador Juscelino Kubitschek e Tristão da Cunha, sentindo a gravidade dêsse problema, organizou, em colaboração com o Chefe da 5.ª Inspetoria Florestal, um grande plano de reflorestamento, tão bem planejado que a Assembléia Legislativa o aprovou por unanimidade.

Resta, agora, aos dignos Representantes Federais Mineiros, que já conhecem bem êsse quadro negro da economia do Estado, se empenharem pela aprovação da verba de 10 milhões de cruzeiros, destinada a execução imediata do referido plano, que representa, sem dúvida, a salvação de Minas de um futuro trágico.

O reflorestamento deverá ser misto, isto é, com mudas de eucalíptos e também com mudas de essências florestais mineiras, a caminho do desaparecimento. Quem ainda conhece pau brasil, braúna, a madeira eterna, cabiúna, talvez a mais resistentes do Brasil? Temos a impressão de que quase já se extinguiram nas matas mineiras. O reflorestamento exclusivamente com eucalíptos deve, portanto, ser evitado para não transformar o Estado num vasto eucaliptal, monótono e triste, pois, os animais silvestres, últimos representantes da fauna mineira, terão igualmente desaparecido para sempre, com as criminosas derrubadas.

É preciso, portanto, evitar-se em Minas a formação e uma exclusiva "paisagem florestal australiana", constituida apenas de eucalíptos, substituindo completamente a flora indígena, depois de inteiramente sacrificados os animais característicos da região.

"O reflorestamento racional exige a formação de matas heterogêneas para proteger a fauna" (Eurico Santos — Comunicado do Serviço de Informação Agrícola — Ministério da Agricultura — Outubro de 1951).

Caso contrário, com a plantação exclusiva de eucalíptos, que são, como sabem, originários da Austrália, depois de dizimada a fauna regional se quizermos compôr e animar a "paisagem" exótica acima referida, teremos forçosamente que importar também cangurús, ornitorrincos e outros curiosos espécimes australianos...

As magníficas florestas da Tijuca devem sua beleza multiforme ao reflorestamento misto, executado por Archer, por ordem do Barão do Bom Retiro, trazendo as mudas de várias essências de Mangaratiba e de outros lugares.

SUGESTÕES PARA A RESOLUÇÃO DO PROBLEMA

O govêrno providenciará, com a máxima urgência, a execução das seguintes medidas: —

a) Criação duma Guarda ou Polícia Florestal Mineira, nos moldes da que existe na Itália, há mais de 30 anos e que se acha sob o comando de um general. Terá a colaboração desilvicultores, agrônomos, naturalistas, etc. Fará o reflorestamento intensivo, protegerá as florestas, controlará a exploração racional das matas, particulares ou não, que possam ser exploradas.

Obrigará, portanto, o replantio com as mesmas mudas das árvores cortadas,

evitando, assim, o desaparecimento das nossas madeiras de lei, das espécies medicinais, plantas raras, etc.

Enfim, fará cumprir o Código Florestal e também o Código de Caça e Pesca, tècnicamente perfeitos mas de fiscalização absolutamente nula até hoje.

b) Obrigar tôdas as estradas de ferro de Minas a consumir carvão de pedra ou outro combustível em vez de lenha, até que possam ser eletrificadas.

c) Isentar de impostos e facilitar ao máximo a venda, em pagamentos parcelados, de fogões elétricos, a gás, a querosene ou qualquer combustível que evite o consumo de lenha e carvão vegetal.

d) Concertar com os técnicos em siderurgia medidas urgentes capazes de diminuir ao máximo o consumo de carvão vegetal. Só permitir a instalação de novos altos fornos a coque e a eletricidade. O ideal seria se as usinas pudessem trabalhar exclusivamente com coque metalúrgico, durante 10 anos, até que estivessem reflorestadas as áreas devastadas. Isso, porém, é assunto para os técnicos metalúrgicos. Apelamos, nêsse sentido, para êles e para os diretores das usinas mineiras.

e) Criar em todos os Municípios mineiros, que ainda possuam matas, pelo menos um parque florestal e um horto, protegidos por lei para impedir o desaparecimento da flora e fauna características da região. Nos hortos serão cultivadas plantas medicinais por acaso existentes na flora local e as espécies botânicas raras, já quase extintas. Fornecerão também mudas e sementes das essências mineiras para o reflorestamento misto.

f) Organizar um Serviço de Conservação do Solo, nos moldes do existente nos Estados Unidos.

g) Prestigiar o Serviço Florestal, dando-lhe recursos amplos, para que possa executar devidamente sua missão.

h) Pedir a colaboração dos prefeitos mineiros para que comecem, quanto antes, o reflorestamento intensivo dos terrenos devolutos municipais.

Ao encerrarmos, por hoje, essas considerações sôbre tão magno assunto, fazemos um apêlo ao Governador do Estado, ao Secretário da Agricultura e ao representantes mineiros da Assembléia e Câmara Federal para que procurem solucionar imediatamente êsse gravíssimo problema.

Daqui a poucos anos poderá ser irremediàvelmente tarde!

(Do "Boletim de Agricultura", do Departamento de Produção Vegetal — Secretaria da Agricultura do Estado de Minas, n.º 9, setembro de 1952).

A SEMENTE DE CAFÉ

O sistema de plantio da semente de café varia muito. Comentando-o certa vez à luz dos ensinamentos ministrados pela experimentação, acentuámos que a escolha do tipo de semente para plantio depende muito do critério de cada lavrador, mas o problema principal gira em torno da melhor germinação. Há lavradores que preferem semear o fruto do café em côco, isto é, o que foi secado ao sol depois de maduro; outros optam pelo plantio do fruto em cereja, logo após a colheita; muitos se inclinam pelo café despolpado e ainda fresco. Grande maioria despolpa o café semeando-o completamente limpo, ao passo que outros o fazem com o pergaminho. As experiências promovidas na Estação Experimental de Ribeirão Preto levaram a conclusões favoráveis ao método mais usado entre nós, ùltimamente, qual seja o do plantio de sementes despolpadas e secas à sombra.

Tais conclusões são as seguintes: "1.º — o café em côco, tipo de semente ainda bastante usado pelos nossos lavradores, é o menos recomendável. Além de dar uma baixa porcentagem de germinação, no máximo de 57%, apresenta dificuldades na escolha das sementes, protegidas como estão pela casca; 2.º — o cereja oferece o mesmo inconveniente de dificultar a escolha, não tendo uma bôa germinação e obrigando a uma semeadura num intervalo de tempo determinado, às vezes impróprio quando, em certos anos, a maturação do café se adianta muito; 3.º — o despolpado fresco é tão bom quanto o despolpado sêco. Contudo há certa dificuldade no seu manuseio e, como o cereja, apresenta o inconveniente de exigir a semeação em época nem sempre aconselhável para o cafeeiro, o que limita muito o seu emprêgo; 4.º — o café sem pergaminho não apresenta vantagens sôbre o despolpado sêco, além de exigir uma operação a mais, a de retirar o pergaminho; 5.º — o despolpado sêco é o melhor, tem bôa germinação, permite uma escolha bem feita, é de fácil manuseio e oferece um período mais amplo para a semeadura".

Outras experiências levadas a efeito pela Secção de Fisiologia e Alimentação de Plantas do Instituto Agronômico de Campinas, relativas à conservação de sementes, entre as quais a do café, revelam que, num ano apenas, o poder germinativo da semente de café fica inteiramente prejudicado. Assim, sementes de diferentes variedades guardadas no ambiente de laboratório ou de um simples armazém germinaram, seis meses depois, na proporção de 88%, ao passo que, após doze meses, essas mesmas sementes revelavam capacidade germinativa de apenas 8%. No entanto, outras sementes do mesmo lote, colocadas em recipientes especiais, com temperatura e umidade adequadas, no fim de 20 meses ainda ofereciam índice de germinação de 78%, o que é resultado bastante elevado.

Esses ensaios preliminares virão talvez permitir que a observância de certos critérios consiga conservar sementes de café, em perfei-

tas condições, de uma safra para outra. Já se conhece com certa exatidão a melhor temperatura e a umidade ótima capazes de manter integro o poder germinativo da semente do cafeeiro. Isso é de suma importância e, num país de clima subtropical — como dizem os técnicos que promoveram tal estudo — o problema se torna mais relevante pois, além de envolver lavradores e comerciantes de sementes, interessa ao próprio Estado, que arca muitas vezes com a responsabilidade do armazenamento de enormes quantidades de sementes, principalmente de algodão, milho híbrido e café.

(Do O Estado de S. Paulo de 5-7-1952)

O PRECEITO DO DIA

CUIDADO COM O FILTRO

A vela do filtro não destrói os germes da água; apenas os retém. Quando não é lavada constantemente, os micróbios e impurezas vão se acumulando em sua superfície, de sorte que, dentro de algum tempo, se torna de todo impossível a filtração.

Procure manter seu filtro em boas condições de funcionamento, lavando a vela uma vez por semana, pelo menos. — SNES.

DEBATES SOBRE A CULTURA DO CAFÉ «MUNDO NOVO», EM RIBEIRÃO PRETO

A REUNIÃO FOI PROMOVIDA PELA ASSOCIAÇÃO RURAL DESSA CIDADE

RIBEIRÃO PRETO, 26 (De Valdemar Arruda) — Realizou-se dia 22, na sede da Associação Rural desta cidade, com início às 10 horas uma reunião de agricultores e agrônomos da região, para debate de temas ligados à cultura do café "Mundo Novo", variedade bastante aceita pelos fazendeiros da Araraquarense. Presidiu à concentração, que teve a precença de grande número de cafeicultores de Ribeirão Preto e de outras cidades da região, o sr. Tomás Whately, presidente da entidade local.

Após ter prestado informações a respeito das atividades da Associação, o sr. Tomás Whately passou a palavra ao engenheiro-agrônomo João Aloisi Sobrinho, chefe da Estação Experimental de Pindorama e convidado especial da Rural de Ribeirão Preto, para expor o seu ponto de vista sôbre as experiências realizadas com o café "Mundo Novo", também chamado "Urupês. Como se sabe, aquele agrônomo vem realizando experiências, com a variedade em apreço, na zona da Araraquarense, especialmente na Estação Experimental de que é chefe.

De início, o orador afirmou que iria tratar de um assunto a respeito do qual muitas controvérsias têm surgido, por falta de maiores esclarecimentos. Antes de entrar na questão referente ao cultivo do "Urupês", o sr. João Aloisi Sobrinho tratou da reforma de cafèzais cuja produção não seja superior a vinte arrobas por mil pés, em lavouras velhas. O trato de lavouras assim é antieconômico. As replantas, por sua vez, não satisfazem. O conveniente — afirmou o orador — a reforma de cêrca de 10% da lavoura velha.

Em seguida, falou da necessidade de um levantamento completo das falhas nos cafèzais e do problema da formação das mudas, afirmando que a escolha das sementes e os cuidados iniciais representam papel de suma importância na formação de uma boa lavoura. As mudas, quanto mais novas, na opinião do orador, são mais indicadas para a transplantação, pois se adaptam melhor ao meio ambiente. Transplante tipo "cabeça de fósforo", por experiência feita, dá resultado satisfatório, na seguinte proporção: transplante de mudas tipo "cabeça de fósforo" consegue 92% de pegamento, enquanto no transplante de mudas comuns o pagamento é inferior a 87%. Outras vantagens: três pessoas, em fazenda onde as experiências se realizaram, transplantam 120 mudas comuns por dia. Essas mesmas pessoas transplantam 550 mudas tipo "cabeça de fósforo", Depois de feitas as replantas, verifica-se que as mudas alcançam, no crescimento, as mudas comuns, produzindo, ainda arvores mais saude e, por isso mesmo, mais resistentes.

OUTRAS RECOMENDAÇÕES

Recomendaram-se ainda, durante os debates, as seguintes medidas preliminares para a formação de lavouras novas em terras velhas:

as covas não devem ser muito profundas, porque as experiências demonstraram que nas plantações assim, feitas se registram 34,2% de falhas. Nas covas rasas, as falhas não ultrapassam 2,4%. Não se deve intercalar, nos cafezais em formação, plantação de milho, arroz e algodão. É preferível que o fazendeiro ofereça terrenos fora da lavoura, para as plantações de cereais do colono, a permiti-las nos cafèzais. É medida de economia em benefício do próprio fazendeiro que pretende uma lavoura bem formada e rendosa.

CAFÉ "MUNDO NOVO"

A variedade "Mundo Novo" é a que está dando os melhores resultados nas terras velhas da Araraquarense. É café rústico e por essa razão suporta mais os efeitos da seca e das pragas. Além disso, sua produção é consideràvelmente maior do que o "bourbon" vermelho e o "bourbon" amarelo. Os resultados estatísticos, sôbre a produção de lavouras de "Urupés", são os seguintes, em condições idênticas de trato e de idade: "Urupés" — 4,796 kg. (em média, por pé, durante cinco colheitas); "bourbon" amarelo — 2,286 kg; "bourbon" vermelho 3,60 kg. Na ultima safra, uma fazenda conseguiu 260 arrobas mil pés de café "Urupês", enquanto nessa mesma propriedade a média na colheita do "bourbon" foi de 180 arrobas, em terras e condições idênticas de trato e de idade dos cafeeiros (8 anos). Resultados semelhantes podem ser verificados em lavouras com outras idade.

INTERESSE EM RIBERÃO PRETO

Merece registro especial o interesse que a variedade vem despertando na região de Ribeirão Preto. A sra. Amélia Junqueira, fazendeira desta região, já tem grande quantidade de café "Urupês" e está satisfeita com a substituição. Nas lavouras novas, que pretende formar ainda este ano, irá empregar o "Mundo Novo". É o café, na sua opinião, que mais resiste às incertezas de nosso clima, pela sua característica rusticidade.

AGRONÔMOS PRESENTES

Entre as pessoas que participaram dos debates promovidos pela Associação Rural de Ribeirão Preto encontravam-se os seguintes agrônomos: — Guaraci R. Monteiro, chefe do setor agrícola de Ribeirão Preto; Antonio Nogueira de Oliveira, agrônomo regional; e Osvaldo Mamprin, Atos de Sousa Lima, Claudio Bertolino, Arlindo Aguiar e Antonio Junqueira Reis.

A sra. Amélia Junqueira, a pioneira da variedade "Urupês" em Ribeirão Preto, compareceu também à reunião, e participou da mesa que dirigiu os debates.

A reportagem foi informada de que reunião idêntica à que se realizou na associação de classe desta cidade será promovida pela Sociedade Rural Brasileira, em São Paulo.

(Da Folha da Manhã)

QUANTOS CAFEEIROS EXISTEM NO PARANÀ?

Se é verdade que a rápida expansão no norte do Paraná explica, até certo ponto, a multiplicidade de avaliações sôbre o número de pés existentes naquele Estado, por outro lado não se registra nenhum esforço oficial sério para por têrmo à confusão e uniformizar os critérios de contagem dos cafèzais paranàenses. Em reportagens divulgadas a 28 e 30 do corrente, um nosso redator especializado confronta as diversas estimativas entre si e as articula com a produção provável de café do Paraná nos últimos anos. E o que se conclui de tudo é que o número de cafeeiros do vizinho Estado — em produção e novos — ainda constitui uma incógnita.

De acôrdo com a Divisão de Econômia Cafeeira, existiriam em 1952 cêrca de 211 milhões de pés em produção no Paraná. A Companhia de Melhoramentos do Norte Estado (antiga Companhia de Terras) registra para 1951 apenas 190 milhões. Em 1950, falava-se entre 130 e 150 milhões, nos círculos oficiais. Admitindo-se que existissem sòmente 150 milhões de cafeeiros em produção em 1950, no Estado do Paraná, teriamos tido ali uma safra assombrosa, que nunca se verificou em São Paulo, mesmo nos tempos áureos da rubiácea paulista, quando o cafèzal se nutria das ótimas matas de terra virgem de Ribeirão Preto.

É o que se conclui do exame dos dados de produção relativos ao ano de 1950. De acôrdo com o que demonstrou exaustivamente aquele nosso redator, a produção paranàense colhida em 1950 e despachada no ano comercial de 1950-51 não pode circunscrever-se às 4.026.000 sacas embarcadas para os portos (Paranaguá, Santos e Rio). Além da voz corrente de que nesse ano (como em outros) se embarcara café paranàense para Santos e o Rio, como paulista, a produção da zona Sorocabana (setores cafeeiros de Avaré e Presidente Prudente) não poderia sustentar o volume de transporte efetuado pela ferrovia no mencionado ano comercial.

Segundo estimativa da Divisão de Econômia Rural da Secretaria da Agricultura, a produção de café da Sorocabana em 1950 (ano agrícola de 1949-50 e comercial de 1950-51), deduzido o consumo regional (que aquele nosso redator estimou em apenas 170 mil sacas), atingiu 911.140 sacas. Esse era o café exportável, ou melhor susceptível de embarque para os portos. No entanto, a E. F. Sorocabana recebeu para despacho, em 1950-51, (ano em que não havia estoques remanescentes do D.N.C. no interior) o volume de 1.757.452 sacas. De onde teria vindo esse misterioso excesso de 846.312 sacas? De outras zonas paulistas não poderia ser, pois as ferrovias disputam arduamente o despacho do café, que dá frete muito rendoso, e, de outro lado, não há interêsse prático do fazendeiro ou comerciante em estar mudando de

estrada porque as liberações no porto, para comércio, se fazem de acôrdo com a ordem cronológica dos embarques. Não existe outra alternativa senão admitir que aquelas 846.312 sacas também tenham vindo do norte do Paraná, de acôrdo aliás com o que se comenta no mundo de negócios.

Teriamos tido, assim, uma safra paranàense exportável em 1950 de 4.872.312 sacas. Adicionando-se uma cota modesta para o consumo estadual (fala-se entre 400 e 500 mil sacas) deveriamos admitir uma colheita total em 1950, nos cafèzais paranàenses, de 5.270.000 sacas. Se nesse ano, houvesse em produção naquele Estado apenas 150 milhões de pés, como fazem supor as estimativas oficiais mais otimistas, o rendimento médio por mil pés teria atingido o volume prodigioso de 35 sacas, ou 140 arrobas de produto beneficiado.

Essa média nunca se conseguiu em São Paulo. E não existe nenhuma indicação de que as terras de café do norte do Paraná sejam melhores que as bôas terras de São Paulo, quando eram novas. E se é verdade que, quando se desbravaram os "oestes paulistas" (o velho, de Campinas e Ribeirão) e o novo (todo o noroeste do Estado), sempre havia atrás uma carga de lavoura velha fazendo pressão para diminuir a média de produção por mil pés, deve-se admitir fenômeno semelhante no norte do Paraná, onde existe o pêso-morto dos cafèzais da zona de Tomasina e onde os próprios cafeeiros de Cornélio Procópio (norte velho mais recente) e até os de Londrina e Sertanópolis (norte novo menos recente) já indicam declínio de produtividade, para compensar a vigorosa ofensiva dos cafèzais novos mais ao oeste. Acontece ainda que os informes sôbre as melhores fazendas paranàenses acusam média inferior a 140 arrobas.

Se dessemos aos cafèzais paranàenses a excelente média de 96 arrobas por mil pés, o número de cafeeiros, em 1950, de acôrdo com a produção global aparente, seria de cêrca de 220 milhões de pés produtivos, e esse número hoje andaria entre 280 e 300 milhões. Continua de pé, pois, a pergunta: Quantos cafeeiros existem no Paraná? e, dos existentes, quantos em produção e quantos novos?

(Da Fôlha da Manhã, de 2-12-1952)

CULTURA DO CAFÉ E AVICULTURA

O problema da adubação dos cafeeiros é matéria de difícil solução devido a falta de estrume e o preço muito elevado dos adubos químicos.

Há pouco tratando deste assunto, J. Wilson da Costa, técnico da avicultura e bom conhecedor da cafeeicultura escreveu um artigo do qual transcrevemos uma parte. Assim veremos como a avicultura, associada à cultura do café, resolve em boa parte o grave problema da adubação tão necessária áquela rubiáca.

Diz W. da Costa: "Segundo estudos procedidos pelo Massachusett's State College (U.S.A.) a produção anual de estêrco, para cada ave da raça Rhode Island Red, pesando 2.475 gramas é de 21 a 22 quilos. Nessa base, uma criação de 500 galinhas New Hampshire ou Rhode Island Red, poderá produzir, anualmente, cêrca de 10.000 quilos de ótimo estêrco.

Confrontemos analises do adubo produzido pela galinha e do chamado de curral:

	Estêrco de galinha %	Estêrco de curral %
Unidade	52,93	83,50
Matéria azotada	29,30	16,50
Azoto total	2,12	0,32
Potassa total (K20)	0,60	0,15
Ácido fosfórioco (P205)	1,21	0,21
Cálcio total (Ca0)	1,16	0,30

Pelo exposto, o estêrco de galinha é muito mais rico em azoto, ácido fosfórico e cálcio, que o estêrco de curral.

Ainda devemos considerar que, para produzir "per capita" e "por ano", 3.285 quilos de estêrco de curral, deverá o fazendeiro ter o gado preso à noite, em estábulos rústicos. Nestas condições, seria necessária a existência de 1.000 cabeças de gado, com seus estábulos, capineiras, pastagens, tratadores, etc. etc. Por que preço não sairía êste estêrco? E o capital que se deveria inverter naquelas instalações?

Entretanto, se estas instalações já existem; se há produção de estêrco de curral, seria absurdo aconselharmos sòmente o aproveitamento do estêrco de galinha. Neste caso, um deles, pelo seu volume, será o subsidiário do outro.

Mas, mesmo assim, não se deve deixar de considerar a parte econômica da produção de um e de outro estêrco, além da exploração das aves, em uma de suas finalidades.

Numa área, reduzida, até mesmo na parte não ocupada nos terreiros de café, poder-se-á obter, com toda facilidade, estêrco inegualavel e suficiente para fertilização do cafezal.

Com instalações, as mais simples e econômicas possíveis, utilizando, ao máximo, material existente ou produzindo na Fazenda, uma criação de frangos para o mercado torna-se econômica e de fácil tratamento".

O assunto não está mais no domínio das hipóteses e sim no da prática.

Em São Paulo já muitas fazendas assim procedem.

Ainda não faz muito, o dr. Antonio Carlos Corrêa na Soc. Rural Brasileira dizia as seguintes palavras:

"Ao procurar solução para a questão, vislumbra-se, com rara felicidade, que São Paulo ainda poderá manter em seu punho de leader a chave-mestra da arca que encerra o maior tesouro nacional. É que num toque de magía, as desprezadas terras das zonas velhas — ditas cansadas — se rejuvenescem e voltam a ser dadivosas. O reencontro de sua fertilidade se faz perante a riqueza composta do "guano" de galinha.

Permite o resíduo orgânico da avicultura moderna, aquilo que até então não entrava na renda da criação de aves: a restauração completa e revolucionária dos cafèzais definhados, com um índice de produtividade tal, que por certo derrubará todas as opiniões assentadas de que o café só da em terra nova e no Paraná. A recuperação produtiva do solo velho é extraordinária com a introdução do excremento de galinha.

É do consórcio da exploração avícola com a cafeicultura que o lavrador encontrará o denominador comum para a reconquista prática e altamente remuneradora de sua propriedade agrícola."

(Do O Jornal - Rio de 5-7-1952)

"PANCOMTEL"

COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.

Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:

CAFÉ — ALGODÃO — BORRACHA — TÍTULOS — CÂMBIO
METAIS — AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO
COUROS — ETC.

Assinaturas e mais informações nos seguintes endereços:

RIO DE JANEIRO:
Rua Beneditinos, 17 - 4.º andar
Fone: 23-0012

SÃO PAULO:
Rua Libero Badaró, 488 - 2º andar
Fone: 3-4976

SANTOS:
Praça Azevedo Junior, 14 - 4.º andar — Fone: 2-7278

(p) Agências nos principais Estados do Brasil

"CAFEICULTURA CIENTÍFICA, NO BRASIL"

Da Distribuidora Vemag S. A. recebemos a seguinte carta:

São Paulo, 1.º de dezembro de 1952

Ilmo. Sr. José Testa
Chefe de Estatística da
Superintendência de Café
Largo da Misericórdia, 24 - 3.º
CAPITAL

Prezado Senhor

Vimos à presença de V. S. para felicitá-lo pela excelência e objetividade de seu artigo, intitulado "Cafeicultura científica, no Brasil", publicado o mês passado no "Diário de São Paulo".

Realmente, a utilização e prática técnico-científica à cultura cafeeira não sofreu um salto repentino, porém, vem se processando paulatinamente, desde há muito tempo. Nêstes dois últimos anos, principalmente, tem se intensificado a prática da adubação orgânica e química, defesa contra a erosão, utilização de variedades selecionadas, combate às pragas e, principalmente, o uso da irrigação por aspersão.

Relativamente à mecanização da lavoura cafeeira, tomamos a liberdade de lhe fornecer alguns dados, os quais julgamos poderão servir para futuras investigações de V.S. sôbre tão importante problema. Atualmente, das 5 práticas culturais básicas no cafèzal, 4 delas podem ser totalmente mecanizada, isto é, a coroação, a esparramação, as capinas e o polvilhamento contra a broca e o "bicho mineiro". Já existem indústrias nacionais e estrangeiras que fabricam tais máquinas, sendo que hoje as capinas estão sendo feitas intensamente por meio de enxadas rotativas. Sòmente na Fazenda "Cambuy", em Matão, que possue a maior concentração de cafeeiros no Estado, existem em trabalho mais de 30 tratores providos daquele implemento.

A nossa organização vem acompanhando o problema da mecanização da lavoura cafeeira desde fins de 1949, tendo sugerido a sua representada no Canadá e nos Estados Unidos — a Cia. Massey-Harris — numerosas sugestões relativamente à fabricação de um trator e implementos que atendessem às necessidades da nossa lavoura cafeeira. O trator Pony mod. 11 sofreu modificações afim de poder trabalhar entre as linhas de cafeeiros sem causar nenhum dano aos ramos, mesmo quando as plantas estivessem bastante evoluidas. A arruadeira e esparramadeira, utilizadas no bôjo do trator — para maior facilidade nas manobras — são de patente nacional, tendo também sido testadas por engenheiros de provas da Massey-Harris, que vieram especialmente ao Brasil para isso. A enxada rotativa "Massey-Harris", para cultivo de café, foi concebida e desenhada para executar o serviço com o máximo rendimento e sem causar nenhum dano às radicelas que afloram normalmente à superfície do solo. Aliás, êste ponto é bastante importante, pois muitas das enxadas rotativas existentes entre nós não podem executar capinas rasas, como são exigidas pelos

cafeicultores cuidadosos. O serviço realizado por nossas máquinas corresponde mais a um "mulching", isto é, integra as ervas daninhas com a terra, num volume uniforme até 5 cms. de profundidade, de maneira a proporcionar não sòmente a destruição do mato, como também uma verdadeira "esponja", extraordinàriamente porosa, para combater enxurradas fortes. Ensáios sôbre êste assunto foram levados a efeito na Fazenda Matão, tendo seus técnicos ficado bastante satisfeitos com o papel desempenhado pela enxada rotativa como "mulcher". Além disso, os nossos tratores Pony podem ser também equipados com polvilhadeiras para combater as brocas, e com carretelas de 600 quilos, para o transporte de estrume, fertilizantes, inseticidas, etc.

Esperando que V. S. interprete esta nossa colaboração no sentido estritamente técnico, colocamo-nos à sua inteira disposição para toda e qualquer outra informação necessária.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar-lhes as nossas

Cordiais Saudações

a) **N. R.Nobrega**
p/ Distribuidora Vemag S. A.

O PRECEITO DO DIA

BANHOS DE SOL

O banho de sol é particularmente benéfico: estimula a nutrição geral, porque ativa a circulação superficial do sangue a excita o sistema nervoso, transforma o ergosterol da pele em vitamina D, cuja função é fixar o cálcio no organismo, assim melhorando as condições dos ossos, dentes, sangue e nervos; e, pelo robustecimento físico, dá ao indivíduo alegria e sensação de bem-estar.

Incorpore aos seus hábitos o banho de sol diário, mas evite excessos que transformem o benefício em prejuizo. — SNES.

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 806 CARTA SEMANAL DO MERCADO 5 de Dezembro de 1952

SITUAÇÃO GERAL: A firmeza nos vários mercados do país está refletindo a confiança geral sôbre a presente situação econômica. A esse respeito vem a-propósito mencionar aqui o comunicado à imprensa divulgado hoje pela Associação Nacional de Fabricantes atualmente reunida em convenção: "Os negócios continuam bons. Desde Julho último que decorrem a rítmo acelerado e para o fim de Outubro o volume total de vendas no varejo para os primeiros dez meses do ano acusava um aumento em comparação com o volume do ano passado. Espera-se que essa maior atividade continue até, pelo menos, o segundo semestre do próximo ano".

Durante a semana, em revista observou-se uma reação sensível nos índices gerais de preços, depois de haverem descido nas quatro ou cinco semanas precedentes. Essa reação foi sobretudo devida a um aumento nos preços dos alimentos aliás caraterístico da estação de inverno e depois de haver passado o ponto alto da entrada no mercado das principais safras. A bolsa de valores continua forte e ativa com movimento diário de um milhão e meio de ações em média. O volume de vendas no varejo continua em expansão, indicando crescente procura e a maior atividade que normalmente ocorre nesta época do ano.

MERCADO DE CAFÉ: A atividade continua bastante limitada num ambiente de grande concorrência. Não houve alteração de consequência quer nos preços quer no volume. O mercado apresenta um aspecto lento com os torradores mostrando pouco interêsse, mas os preços mantêm-se firmes.

Na Bolsa de Café e Açúcar de Nova York o volume de operações foi apenas de 243 lotes em comparação com 409 na semana passada. Os preços, contudo, mantiveram-se firmes com ligeiras tendências altistas. Para o fim da sessão de ontem as cotações mostravam ganhos de 1 a 5 pontos com a posição imediata de Dezembro atraindo maior interêsse. Por outro lado, a posição aberta sofreu uma redução de 21 lotes, sendo esta manhã de 2.354 lotes.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: De uma maneira geral os preços, no mercado físico não sofreram alteração durante a semana em apreço, respondendo assim à limitada atividade do mercado. O Santos 4 na base FOB foi cotado entre 51,15c/ e 51,25c/ ao passo que os Excelsos colombianos flutuaram entre 56,50c/ e 56,75c/ na base ex-doca Nova York, refletindo uma pequena baixa de 1/4c/.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Dados Semanais			
	Semanas	Estados	Destinos Principais		
	terminada em:	Unidos	Europa	Outros	Total
BRASIL*	29-11-1952	147.000	91.000	15.000	263.000
	22-11-1952	226.000	126.000	20.000	372.000
	1-12-1951	284.000	179.000	14.000	477.000
COLÔMBIA**	29-11-1952	72.883	10.490	3.929	87.302
	22-11-1952	131.583	15.277	5.508	152.368
	1-12-1951	65.940	8.535	58	74.533

ESTOQUE DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	**29-11-1952**	**22-11-1952**	**1-12-1951**
BRASIL*	Santos	1.800.000	1.830.000	1.685.000
	Rio	346.000	309.000	527.000
	Vitória	59.000	56.000	112.000
	Paranaguá	2.049.000 a	2.111.000 b	1.091.000
	Pernambuco	7.000	6.000	12.000
	Bahia	29.000	28.000	23.000
	Angra dos Reis	49.000	46.000	59.000
	Total	**4.339.000**	**4.386.000**	**3.509.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	153.333	127.450	170.679
	Cartagena	80.067	79.634	72.172
	Buenaventura	120.676	98.035	138.722
	Cucuta	144.057	144.057	92.637
	Total	**498.133**	**449.176**	**474.210**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
29-11-1952	89.057	45.372	72.454	206.883
22-11-1952	89.303	52.170	71.410	212.883
1-12-1951	25.045	40.941	10.294	76.280

*) Dados da Bulsa de Café e Açúcar de Nova York
**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
a) das quais 546.000 liberadas e 1.505.000 por liberar
b) das quais 477.000 liberadas e 1.634.000 por liberar

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

Brasil — Situação Cafeeira: Do Boletim de George Gordon Paton & Co., de 17 do mês passado, reproduz-se o seguinte artigo sôbre a situação cafeeira no Brasil: "O Departamento de Comércio dos Estados Unidos informa que o café exportável durante o ano 1952-53 será inferior em 10% à safra exportável de

1951-52. Julga-se, contudo, que as exportações serão pouco mais ou menos iguais às do ano anterior. O Departamento de Comércio faz, a respeito, as seguintes considerações:

'A opinião geral é que à vista das perspectivas para uma boa safra e para preços mais baixos no próximo ano de safra, dever-se-á observar uma tendência por parte da indústria em vender todo o café disponível antes que a nova safra chegue ao mercado em Agôsto. Os estoques remanescentes a 1 de Julho em todos os portos, excepto Santos, são em geral pequenos, de vez que naqueles portos não se considera necessário reter muitos remanescentes de uma temporada para a outra. Em Julho, os despachos de café da nova safra do interior para os portos são normalmente iguais às exportações e as reservas de café nos portos para o 1.º de Julho terão que ser apenas suficientes para preencher qualquer pedido dos vários tipos que seja recebido durante o mês. Nas condições que deverão prevalecer no próximo 1.º de Julho, parece que não há nenhum motivo para que os remanescentes naquela data não possam ser reduzidos em 1.500.000 sacas, sendo assim possível proporcionar aos exportadores durante 1952-53 entre 15 milhões e 16 milhões de sacas. A seguir apresenta-se um quadro comparativo da safra exportável em 1952-53 e em 1951-52:

Café disponível	**Ano de safra iniciado em**		
	1.º de Julho, 52	**1.º de Julho, 51**	
Remanescentes no princípio do ano			
Nos portos	2.459.267	2.459.868	sacas
No interior	525.326	2.568.501	
Total	2.984.593	5.028.369	
Despachos registrados para os portos			
Em trânsito a 30 de Junho	28.031	97.748	
Total	3.012.624	5.126.117	
Despachos para os portos durante temporada	15.000.000 *	15.018.673	
Estimativa do total disponível	18.012.624	20.144.790	
MENOS: consumo nos portos e cabotagem**	800.000	799.201	
Total disponível para exportação e remanescentes no fim do ano	17.212.624	19.343.589	

Comentando sôbre as extraordinárias quantidades de café despachadas do interior no princípio do ano, o Departamento de Comércio em Washington, diz o seguinte:

'Em primeiro lugar a maioria dos lavradores parece estar satisfeita com os preços atuais e são poucos aqueles que esperam cotações mais altas. Conseqüentemente, os cafeicultores não vêem como poderão ganhar mantendo seu café fora do mercado.' "

ÍNDIA

Propaganda ao café: Do boletim "Indian Coffee" da Junta de Café de Índia, reproduz-se a seguinte nota: "A casa do Café de Ahmedabad, uma das unidades de propaganda que funcionam com mais atividade, continuou fazendo demonstrações sôbre os vários métodos de preparação da bebida e oferecendo serviço de café em festas e outros acontecimentos locais. Atendendo ao pedido da Companhia de Eletricidade, a referida Casa do Café iniciou uma cantina na referida companhia para preparar cafés para o pessoal e ao mesmo tempo ensinar os métodos adequados de fazer a bebida. As outras Casas de Café na Índia estão localizadas em Hyderabad e Calicut".

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

			Dados Semanais Destinos Principais		
	Semanas terminada em:	Estados Unidos	Europa	Outros	Total
BRASIL*	12-6-1952	216.000	104.000	20.000	340.000
	11-29-1952	147.000	91.000	15.000	253.000
	12-8-1951	292.000	197.000	35.000	524.000
COLÔMBIA**	12-6-1952	119.867	29.861	3.786	153.514
	29-11-1952	72.883	10.490	3.929	87.302
	12-8-1951	166.813	1.989	7.444	196.246
	Dados mensais				
BRASIL*	Nov. 1952 (&)	893.000	483.000	74.000	1.450.000
	Out. 1952	846.000	442.000	168.000	1.456.000
	Nov. 1951	1.008.000	614.000	103.000	1.725.000
COLÔMBIA**	Nov. 1952	387.728	57.992	17.427	463.147
	Out. 1952	248.038	26.129	17.705	391.872
	Nov. 1951	385.414	31.974	7.587	424.975

ESTOQUE DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	**12-6-1952**	**11-29-1952**	**12-8-1951**
BRASIL*	Santos	1.858.000	1.800.000	1.735.000
	Rio	378.000	346.000	411.000
	Vitória	55.000	59.000	121.000
	Paranaguá	2.132.000+	2.049.000++	1.044.000
	Pernambuco	7.000	7.000	11.000
	Bahia	28.000	29.000	23.000
	Angra dos Reis	52.000	49.000	53.000
	Total	**4.510.000**	**4.339.000**	**3.398.000**

COLÔMBIA**	Barranquilla	138.197	153.333	144.193
	Cartagena	81.618	80.067	67.207
	Buenaventura	212.790	120.676	90.710
	Cúcuta	144.057	144.057	92.345
	Total	**485.662**	**498.133**	**394.455**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉS GERAIS DE NOVA YORK*

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
12-6-1952	86.926	53.633	74.276	214.835
11-29-1952	89.057	45.372	72.454	206.883
12-8-1951	47.917	53.271	18.851	120.039

*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
&) Dados preliminares sujeitos a retificação.
+) Das quais 666.000 liberadas e 1.466.000 por liberar.
++) Das quais 544.000 liberadas e 1.505.000 por liberar.

N.º 807 **CARTA SEMANAL DO MERCADO** **12 de Dezembro de 1952**

SITUAÇÃO GERAL: Durante a semana teve lugar a Convenção Anual da National Coffee Association à qual assistiram, como de costume, importantes elementos do mundo cafeeiro. Entre os convidados de honra àquela conclave contaram-se os Srs. André Uriba, Presidente Interino do Bureau e Roberto Aguilar, membro da Junta Executiva. Além dos discursos pronunciados pelas várias individualidades, a sessão do primeiro dia consistiu principalmente do informe anual que apresentou o Presidente da National Coffee Association, Sr. Edward Aborn, o qual descreveu os principais acontecimentos que afetaram a indústria durante o ano. De particular interêsse foi a declaração do Sr. Aborn de que "as margens de lucro tanto com o café cru como como o café torrado se devem considerar como não satisfatórias e isso foi antes devido à situação de concorrência por nós criada do que aos regulamentos impostos pelo Govêrno".

O segundo dia da Convenção foi caraterizada pela discussão dos problemas da cafeicultura. De particular interêsse foi a declaração do Dr. William H. Cowgill, do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, sôbre o fato de que após sua recente viagem através das várias regiões produtoras do mundo, havia chegado à conclusão de que sòmente no Brasil existia a possibilidade de uma vasta expansão da cultura de café do tipo arábica. Durante essa sessão também se fizeram observações muito interessantes sôbre as vantagens da irrigação mecanizada sôbre as quais informaremos em CARTAS subsequentes.

Embora não tivessemos recebido ainda informação direta sôbre a sessão de ontem, último dia da referida Convenção cuja reunião inaugural teve lugar na passada segunda-feira, sabemos contudo que os Srs. Uribe e Aguilar pronunciaram

discursos e que fizeram alí a apresentação do Bureau sôbre a campanha de propaganda em prol do aumento do consumo de café.

MERCADO DE CAFÉ: Durante a semana em apreço foi bem visível o efeito neste mercado das ofertas de México e América Central e bem assim a presença da safra de fim de ano de Colômbia. Há notícias de que substanciais quantidades do produto foram negociadas mas a preços um tanto abaixo dos níveis que prevaleceram durante as últimas semanas. Há indícios de que a maior atividade continua e portanto tudo leva a crer que as cotações atuais são consideradas como vantajosas pelos torradores locais.

Em contraste com a maior atividade no mercado físico, o volume de operações no termo local foi bastante reduzido, havendo atingido apenas 172 lotes, à vista do ambiente mais flexível do mercado, as cotações sofreram certa debilidade, de 19 a 38 pontos, com exceção da posição imediata de dezembro na qual houve ganhos no total de 12 pontos. A posição aberta voltou a contrair-se e para esta manhã era de 2.294 lotes ou sejam 60 lotes menos que a cifra da semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Os cafés brasileiros continuam mostrando grande estabilidade e há informações de que o Santos 4 é negociado a 51,25c/ FOB. Por outro lado, os preços para cafés de outras procedências retrocederam um pouco tal como é indicado pelas atuais cotações para os colombianos que flutuam, em geral, entre 56 e 56,25c/ para os disponíveis e sôbre água.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAISES PRODUTORES

Haití Do boletim de George Gordon Paton & Co. reproduz-se o seguinte: "Foi assinado recentemente um acôrdo comercial entre a França e o Haití, pelo qual o Govêrno francês concede licenças de exportação cada ano, a partir de outubro, até ao total de 4.000 toneladas de café, reservando-se contudo a faculdade de limitar segundo as necessidades a concessão dessas licenças em quotas trimestrais iguais Pelos termos do referido contrato o govêrno francês obriga-se a garantir a conseção de autorização para adquirir no mercado oficial de cambio os dólares necessários para pagar essas importações. O artigo quinto dêsse acôrdo prevê uma quota prévia em francos equivalente a dois dólares por saca de 80 quilos de café haitiano.

"Em troca das vantagens para o Haití, o govêrno haitiano compromete-se a pagar ao Banco de França até ao total de $300.000, uma quantia anual de US$50.000. Se a tonelagem prevista de 4.000 toneladas não for atingida, a entrega anual de $50.000 seria reduzida na mesma proporção. Assim, a França que desde 1938 chegou a suspender toda a importação de café haitiano, volta a encontrar as possibilidades de abastecimento de um artigo que responde perfeitamente ao gosto do consumidor frances. As importações de café pela França procedentes de Haití, de 1925 a 1936 foram as seguintes:

Safra	1925-26	.....	314.000	sacas
	1926-27	.....	198.000	
	1927-28	.....	247.000	
Ano	1932	.....	155.000	
	1933	.....	347.000	
	1936	.....	227.000	

ESTADOS UNIDOS

Cafe de Alta Qualidade: Da revista "Tea & Coffee", edição de Novembro último, reproduz-se o seguinte: "Uma das tentações mais difíceis de resistir para um torrador é a inclinação para baratear suas misturas em face da resistência aos preços e vendas em declíneo. Porém, sucumbir a essa tentação é extremamente desvantajoso. Isso coloca invariàvelmente o produto em categoria inferior comparado com os seus concorrentes. E para o torrador assim afetado recuperar o terreno perdido, terá que gastar muito dinheiro e tempo em anúncios e relações públicas".

A Concorrência e o Consumo: Da mesma revista, transcreve-se o seguinte artigo sôbre a concorrência na indústria cafeeira: "A concorrência dentro da indústria tem contribuído para derrotar muitas bebidas que concorrem com o café. É esse um fato que deveria dar grande satisfação à National Coffee Association, ao Bureau Pan-Americano do Café e aos países cafeicultores, os quais têm mostrado preocupação pelas campanhas de propaganda que conduzem outras indústrias concorrentes do café. O produto solúvel é um fator dominante na história recente da indústria cafeeira. Subiu progressivamente nos últimos três ou quatro anos até ao ponto de controlar atualmente mais de 17% do mercado de café em geral. O consumo de café corrente, contudo, tem seguido a marcha ascendente dos solúveis. Com efeito, as vendas de café corrente têm mantido seu volume através do país durante o após guerra. O consumo total de café conseguiu ganhos substanciais e talves esteja ainda progredindo, representando os solúveis aproximadamente o total dos ganhos líquidos e o ganho no volume total foi em parte conseguido à custa das bebidas concorrentes.

"Nova prova dessa vitalidade crescente da indústria cafeeira é o fato de que em 1949 a cadeira de jornais Scripps-Howard encontrou 272 marcas diferentes de café corrente à venda em um ou mais dos seguintes mercados: Cincinati, Cleveland, Columbus, El Pase, Fort Warth, Houston, Indianapolis, Knoxville, Menphis, Pittsburgh e San Francisco. Em 1952, lojas nessas mesmas cidades tinham em estoque 297 marcas de café, ou seja um ganho de 25%. Deve-se ter em conta que nos referimos a marcas de café corrente que apareceram no mercado numa época em que os solúveis pareciam estar revolucionando o mercado... Os negócios de café solúvel pareciam estar revolucionando o mercado... Os negocios do café solúvel são para natureza locais. Num mercado determinado, por exemplo, o produto solúvel pode representar sòmente uns 5% do consumo total de café e noutro poderá representar até uns 25% do referido consumo total. Assim, por exemplo, a influência dos solúveis no panorama geral do café varia muito de mercado para mercado. Esse aspecto puramente local dos negócios de café é exatamente a razão da solidez aparente dos negócios de café corrente e do progresso contínuo da indústria cafeeira em geral. Quanto maior for o número de marcas que tentam conquistar um certo mercado, maior será a concorrência entre elas e maior os esforços de propaganda de cada marca e para o café em geral. É indubitàvelmente que a maioria das 25 novas marcas conduz agora intensa propaganda a favor do café..."

N.º 808 CARTA SEMANAL DO MERCADO 19 de dezembro de 1952

CONVENÇÃO DA NATIONAL COFFEEE ASSOCIATION: No decurso da recente Convenção da N. C. A., o Sr. Roberto Aguilar, membro da Junta Executiva do Bureau Pan-Americano do Café, anunciou a formação do Instituto para

a Preparação do Café, organismo constituido pelo Bureau e pela National Coffee Association. A nova entidade, financiada pelo Bureau, terá sua sede em Nova York e uma diretoria de cinco membros sob a presidência do Sr. Aguilar. Os outros membros do referido Instituto serão os Srs. Walder Lima Sarmanho e Andrés Uribe, por parte do Bureau e os Srs. W. Wert Wickes e T. Carroll Wilson por parte da National Coffee Association. O Instituto deverá começar a funcionar nos primeiros meses do próximo ano e sua missão consistirá em fazer estudos e investigações sôbre todos os aspétos da preparação do café quer em casa quer nos lugares de venda ao público.

Ao divulgar essa notícia, o Sr. Aguilar declarou que os problemas que o novo organismo ia enfrentar seriam árduos e de difícil solução e que portanto não se deveriam esperar resultados definitivos imediatamente mas que os trabalhos do Instituto deveriam beneficiar eventualmente toda a indústria de café desde o produtor ao consumidor de vez que o objetivo final em vista era o de melhorar a qualidade da bebida.

De não menos interêsse foram as observações feitas, durante aquele conclave, pelo Presidente da NCA, Sr. Edward Aborn, o qual disse que à vista do aumento da população os Estados Unidos deveriam consumir para 1975 uns trinta milhões de sacas em vez dos vinte milhões que atualmente consomem e que portanto a cafeicultura na América Latina deveria ser expandida de acôrdo com esse aumento. O Sr. Aborn realçou o fato de que o café era um artigo de vasto significado social, de vez que se é verdade que a paz mundial depende de um comércio internacional ordenado então ao café se devem principalmente as relações pacíficas que imperam neste hemisfério, a única parte do mundo que atualmente goza de paz verdadeira. Disse êle: "Nós que pertencemos a esta indústria que criou tão vasta fôrça econômica, devemos reconhecer sua importância e trabalhar no sentido de levar seus benefícios a toda a humanidade. Naturalmente, uma de nossas maiores responsabilidades é a de manter as vendas de café aos níveis mais elevados possíveis e nessa tarefa a estreita colaboração da NCA e do Bureau foi já considerada como essencial. Desde a convenção do ano passado, essa cooperação foi mantida e melhorada e creio que todos aqui devem concordar que o resultado foi uma das melhores campanhas de propaganda ao café até agora realizadas". Ao concluir seu reltório o Sr. Aborn disse que era impossível, com suas poucas palavras, dar suficiente crédito à Junta Executiva do Bureau e aos membros da NCA que tão eficazmente trabalharam para aumentar o valor que essa campanha representa para o comércio e que êle estava particularmente orgulhoso por haver sido durante sua presidência da NCA que tanto progresso se conseguiu nesse sentido.

MERCADO DO CAFÉ: Durante a semana o mercado esteve sob a pressão das atuais safras e em consequência d'sso os preços voltaram a mostrar certa debilidade. Fundamentalmente o que se está passando aqui nesta praça é que tanto importadores como torradores procuram, nesta época do ano, reduzir ao mínimo seus inventários por motivos fiscais. Acontece, porém, que os exportadores, nos países de origem, também com o fim de reduzir seus estoques vêm à praça precisamente quando a procura é muito limitada pelas razões acima enumeradas. Mas predomina aqui a opinião de que o "desequilíbrio" atual será corrigido com a entrada do novo ano. Com efeito diz-se na praça que a presente debilidade já chegou a seu ponto baixo e que se nota renovado interêsse no mercado.

Embora de forma menos pronunciada, as cotações no têrmo local também mostraram certa debilidade durante a semana em apreço. Foram negociados 292 lotes e a posição aberta continuou em contração, sendo esta manhã de 2.178 lotes. Hoje, porém, o ambiente melhorou um pouco e ao escrever esta CARTA o Contrato "S" registra ganhos de aproximadamente 20 pontos.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: O café brasileiro continua decididamente firme com o Santos 4 ao redor de 51,25c/ FOB. Por outro lado, a pressão de vender que acompanham as ofertas de alguns cafés da América Central debilitou o mercado para os cafés de outras procedências, segundo se poderá ver no quadro anexo para os disponíveis locais. Há notícia, contudo, que os excelsos colombianos são agora oferecidos de 55,25c/ a 55,50c/ para disponíveis e sôbre água.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminada em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	13-12-1952	193.000	134.000	9.000	336.000
	6-12-1952	216.000	104.000	20.000	340.000
	15-12-1951	308.000	111.000	5.000	424.000
COLÔMBIA**	13-12-1952	130.048	9.222	1.671	140.941
	6-12-1952	119.867	29.861	3.786	153.514
	15-12-1951	128.530	1.945	3.650	134.125

ESTOQUE DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 13-12-1952	6-12-1952	15-12-1951
BRASIL*	Santos	1.840.000	1.858.000	1.731.000
	Rio	363.000	378.000	495.000
	Vitória	56.000	55.000	123.000
	Paranaguá	2.091.000 a	2.132.000 b	1.031.000
	Pernambuco	8.000	7.000	11.000
	Bahia	29.000	28.000	22.000
	Angra dos Reis	40.000	52.000	33.000
	TOTAL	**4.427.000**	**4.510.000**	**3.446.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	140.064	138.197	157.396
	Cartagena	76.807	81.618	76.715
	Buenaventura	104.778	121.790	72.987
	Cucuta	144.349	144.057	92.045
	TOTAL	**465.998**	**485.662**	**398.143**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

Semana de:	Países de origem (sacas de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
13-12-1952	87.298	54.516	74.822	216.636
6-12-1952	86.926	53.633	74.276	214.835
15-12-1951	66.438	51.121	21.805	139.364

*) Dados daBolsa de Café e Açúcar de Nova York
**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia
a) das quais 619.000 liberadas e 1.472.000 por liberar
b) das quais 666.000 liberadas e 1.466.000 por liberar

N.º 51 O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 19 de Dezembro de 1952

PAÍSES PRODUTORES

Cuba: Da revista "Cafetal", de Havana, edição de Novembro último, reproduz-se o seguinte artigo sôbre a situação cafeeira naquele país: "Em 1950 o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento Econômico, de colaboração com o Govêrno de Cuba, enviou a esse país uma missão composta de vários técnicos para que elaborasse um relatório sôbre a situação econômica no referido país e sôbre as possibilidades para seu futuro desenvolvimento.

A seguir apresenta-se uma transcrição parcial dêsse relatório, conhecido sob o nome de "missão Truslow" no que diz respeito ao café:

"As melhores qualidades de café cubano sòmente são cultivadas a uns 1.500 metros de altura... Há três regiões diferentes produtoras de café, sendo a mais importante a do sul e oeste na província de Oriente (municípios de Alto Songo, Yateras, El Cobre Jiguaní, Guantanamo e Bayana). Essa região produz normalmente de 85 a 90% da produção total. A segunda zona, em razão de importância, encontra-se nas montanhas entre Cienfuegos e Trinidad, na parte sul da província de Las Villas, rendendo aproximadamente 10% da safra total. A terceira encontra-se na parte ocidental da ilha, nos distritos de Cabañas e San Cristobal (província de Pinar del Rio). Em Matanzas e Camaguey cultiva-se também algum café. A cultura de café em Cuba encontra-se em estado retrógrado. Não existem trabalhos contra a erosão, o uso de fertilizantes é escasso e o benefício é bastante rudimentar. São usados secadores de vários tipos: de madeira, cimento e simplesmente de terra. O café que é beneficiado em terra considera-se de qualidade inferior e obtem os preços mais baixos. Apenas é produzida uma pequena quantidade de café lavado..."

Comentando sôbre o relatório em questão, que a Associação Nacional de Cafeicultores de Cuba qualifica de "superficial, essa associação recomenda o seguinte:

"Não só cremos que se deva estabilizar a produção a níveis suficientes para enfrentar as necessidades domésticas, mas também que será possível produzir suficiente café que permita a Cuba ocupar novamente seu lugar de país exportador do produto e com isso abrir uma nova fonte de divisas..."

Nicarágua — Safra 1952-53: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 10 Novembro de 1952, reproduz-se o seguinte: "A opinião geral é de que a safra 1952-53 será entre 10 e 15% inferior à colheita do ano passado. Embora a maioria dêsse café deverá ser exportado para os Estados Unidos, há observadores que são de opinião de que as exportações para a Europa, particularmente Bélgica e Alemanha, vão ser maiores do que em 1951-52. Essa perspectiva causou otimismo nos círculos locais, porque a Europa em geral sempre pagou preços mais altos pelos cafés suaves. As exportações de café em 1951-52 atingiram 295.020 sacas, das quais 273.370 para os Estados Unidos, 7.694 para a Bélgica, 5.035 para o Canadá, 2.849 para a Holanda, 1.870 para a Alemanha, 1.720 para Itália e o resto para Trieste, Panamá, Inglaterra e outros países."

Venezuela: Da revista "Tea and Coffee", edição de Novembro último, transcreve-se a seguinte nota: "Segundo os dados do Banco Central de Venezuela, as exportações de café venezuelano foram 50% superiores às do período correspondente de 1951. As exportações de Janeiro a Junho de 1952, inclusive, subiram a 228.883 sacas de 60 quilos, no valor de 52.620.000 bolivares, ao passo que no mesmo período do ano passado as exportações atingiram ùnicamente 159.666 sacas, no valor de 29.920.000 bolivares."

ESTADOS UNIDOS: Da publicação "Coffee Annual" reproduz-se a seguinte nota sôbre a importância dos negócios com o café neste país: "À frente de todos os produtos de importação nos Estados Unidos está o café. No ano passado, e outra vez êste ano, os compradores aqui vão pagar mais de $1.250.000.000 pelo café cru que depois será vendido no varejo por $2.000.000.000 aproximadamente. As donas de casa dos Estados Unidos gastam três centavos em café de cada dolar que usam para comprar alimentos e os comerciantes dão ao produto um lugar importante entre os artigos que vendem."

N.º 809 CARTA SEMANAL DO MERCADO 26 de Dezembro de 1952

SITUAÇÃO GERAL: A semana decorreu sem acontecimentos de consequência para a situação econômica geral e como grande parte do comércio fechou na quarta-feira para festejar o Natal os negócios, naturalmente, foram muito limitados. A próxima semana será, também, de atividade limitada devido ao feriado de Ano Novo e por êsse motivo os negócios só deverão retomar seu ritmo normal para o princípio de 1953.

MERCADO DE CAFÉ: A nota dominante da semana foi a notícia procedente do Brasil de que já foi aprovada a legislação que cria o Instituto do Café naquele país. Até a data não possuimos os detalhes mas sabemos que o novo organismo, com funções similares às da Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia, terá jurisdição através de todo o Brasil e que os bens do antigo Departamento Nacional do Café vão ser transferidos para aquele Instituto. As despesas do novo organismo serão cobertas por um imposto especial de 10 cruzeiros por saca de café exportado. Não resta dúvida que a nova entidade deverá exercer favorável influência sôbre a indústria de café brasileira e por consequência trará vantagens para todo o mundo cafeeiro à vista do lugar proeminente que o Brasil ocupa de maior exportador do produto para os países consumidores.

O mercado já começou a reagir da situação de desequilíbrio que tem prevalecido nas últimas semanas, notando-se agora maior interêsse por parte dos torradores acompanhado de um tom melhor no mercado. As cotações, quer no mercado físico quer no termo, reagiram sensìvelmente havendo agora a impressão de uma maior estabilidade nos preços. Essa impressão aliás abrange outrossim o tom dos preços para a próxima semana, a qual terá apenas três dias de negócios devido às festas do Ano Novo.

No termo local foram negociados apenas 96 lotes. Por outro lado, os preços mostraram sensível firmeza e para o fim da sessão de quarta-feira acusavam ganhos de 35 a 50 pontos para a semana. A posição aberta esteve pràticamente inalterada e esta manhã era de 2.168 lotes ou seja uma variação de ùnicamente 10 lotes em comporação com a cifra de sexta-feira passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Os preços melhores para o produto no mercado físico podem-se ver no quadro anexo de cotações dos disponíveis locais. No que respeita aos cafés brasileiros FOB, não há ofertas a menos de 51,25/c para o Santos 4. Os cafés colombianos também mostram agora maior firmeza. Diz-se que houve negócios com êsses cafés a preços entre 55,50/c e 56/c na base ex-doca Nova York.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	20-12-1952	157.000	158.000	19.000	334.000
	13-12-1952	193.000	134.000	9.000	336.000
	22-12-1951	139.000	184.000	45.000	368.000
COLÔMBIA**	20-12-1952				
	13-12-1952	130.048	9.222	1.671	140.941
	22-12-1951	88.211	8.336	3.191	99.738

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 20-12-1952	13-12-1952	22-12-1951
BRASIL*	Santos	1.909.000	1.840.000	1.818.000
	Rio	331.000	363.000	577.000
	Vitória	54.000	56.000	116.000
	Paranaguá	a) 2.097.000	b) 2.091.000	c) 1.070.000
	Pernambuco	13.000	8.000	11.000
	Bahia	28.000	29.000	22.000
	Angra dos Reis	44.000	40.000	35.000
	Total	**4.476.000**	**4.427.000**	**3.649.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla		140.064	147.336
	Cartagena		76.807	73.475
	Buenaventura		104.778	110.915
	Cucuta		144.349	93.220
			465.998	**424.946**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*:

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
20-12-1952	85.011	60.752	85.410	213.173
13-12-1952	87.298	54.516	74.822	216.636
22-12-1951	89.415	56.232	23.723	169.370

ESTOQUES DE CAFÉ NO INTERIOR DE SÃO PAULO:*

Safra	Nov. 1952	Out. 1952	Nov. 1951
1950-1951	—	—	304.000
1951-1952	1.000	2.000	4.184.000
1952-1953	3.845.000	4.187.000	—
	3.846.000	**4.189.000**	**4.488.000**

Despachos por estrada de ferro durante 1 de Julho a 30 de Novembro de 1952, para:

Santos	6.596.000
Rio	365.000
Angra dos Reis	25.000
Outros (%)	523.000
Total	**7.509.000**

*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
a) das quais 730.000 liberadas e 1.367.000 por liberar.
b) das quais 619.000 liberadas e 1.470.000 por liberar.
c) das quais 650.000 liberadas e 420.000 por liberar.
%) Inclue sacas de Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

N.º 52 **26 de Dezembro de 1952**

PAÍSES PRODUTORES

Colômbia: Da "Revista Cafetera de Colômbia" reproduz-se a seguinte nota: "A organização experimental, tal como se entende nos países mais avançados, compreende a existência de centros de investigação bem aparelhados. A Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia centralizou seus trabalhos experimentais no Centro Nacional de Investigações de Café que funciona em Chinchiná. A criação e desenvolvimento dêsse centro foi o resultado da necessidade imposta para o aperfeiçoamento da cafeicultura. Desde 1929 que funciona uma granja em Cundinamarca com o carater de escola central de café. Foi aí que se fizeram os primeiros trabalhos de investigação sôbre o café e donde sairam os técnicos que hoje trabalham através do país bem como nos países vizinhos de Venezuela e Equador.

Aiém dessa escola prática outras foram inauguradas, com o decorrer do tempo, em Caldas, Antioquia, Valle, Tolina, Norte de Santander e Santander. Mais tarde foi resolvido dar o carater de Centro Nacional de Investigações do Café na escola prática de Chinchiná sob a administração do Comitê de Cafeeiros de Caldas. Os trabalhos atuais nesse Centro têm por fim abranger todas as necessidades da indús-

tria, desde a defesa do solo aos melhores sistemas de cultura, pois os referidos trabalhos compreendem não só as fazendas locais como também os trabalhos nos departamentos de Antioquia e Norte de Santander assim como 15 estações experimentais espalhadas pelas regiões produtoras de Colômbia.

ESTADOS UNIDOS

O Café e a Moda: Do boletim da National Coffee Association transcreve-se a seguinte nota: "O jornal "Washington Star" comentava recentemente sôbre o costume de servir café em reuniões sociais que noutros tempos preferiam chá. O jornal em questão cita a-propósito as reuniões patrocinadas pelo Club de Esposas dos Oficiais do "Finance Corps" as quais gozam de grande prestígio social. Nessas reuniões era costume servir chá, mas nos últimos anos começou a se notar decidida preferência pelo café o qual passou a ser a bebida preferida nessas reuniões."

EUROPA

Consumo de Café: Do boletim de Jacques Louis Delamare, edição Novembro-Dezembro, reproduz-se a seguinte estimativa sôbre o consumo do produto em 1952: "Calculamos que a Europa deverá consumir em 1952 umas 8.750.000 sacas de café, cifra que representa um aumento de aproximadamente 5% sôbre o consumo de 1951. Calcula-se que umas 450.000 sacas foram re-exportadas da Europa para os Estados Unidos. Durante os onze meses compreendidos de Janeiro a Novembro de 1952, inclusive, as importações em França foram as seguintes:

Territórios franceses do ultramar	1.430.000 sacas
Outros países produtores	840.000 "
Total	2.270.000 sacas

Ao terminar o ano a França terá importado mais ou menos a mesma quantidade de café que importou em 1951. Nesse ano a França importou 67% de café Robusta e ùnicamente 33% de café Arábica. Durante o presente ano a proporção de Arábica será maior, pois a França absteve-se de comprar cafés da África portuguesa e da África oriental inglesa."

SÍRIA

Importações: "A Síria desde há muito tempo que importa café. Os sírios têm feito êsse produto uma bebida nacional. O café é preparado de várias maneiras mas continua sendo a bebida favorita no país não obstante a concorrência do cacau e outros produtos. "Segundo informa o "Coffee Annual". Essa publicação acrescenta que a Síria costumava importar todo o café de Arabia e Yemen mas à medida que o consumo aumentou os importadores começaram a comprar mais café do Brasil. Hoje em dia a Síria importa café não só dêsses países como também da Índia, Etiópia, Aden, Venezuela, Haití, Congo Belga, Indonésia e outros países."

Estatística

BANCO DO ESTADO DE S. PAULO S. A.

(Com garantia do Govêrno do Estado de São Paulo)

Capital realizado ..... Cr$ 100.000.000,00

FAZ TÔDA E QUALQUER OPERAÇÃO BANCÁRIA

EMPRÉSTIMOS
sôbre café, algodão e outros produtos agrícolas
Desconto de Letras e Duplicatas
Guarda de Títulos e Valores
Cobranças de dividendos e de juros de apólices
Bonus rotativos do Tesouro do Estado
Apólices Uniformizadas, Apólices Populares Paulistas, etc.
Operações de câmbio de qualquer natureza
Correspondentes nas principais praças do país e do exterior
Cofres de aluguel — Depósitos noturnos.

SERVIÇO RÁPIDO E EFICIENTE

MATRIZ: — SÃO PAULO

Caixa Postal, 789 — Enderêço Telegráfico: "BANESPA"

AGÊNCIAS

1 — Adamantina
2 — Amparo
3 — Andradina
4 — Araçatuba
5 — Araraquara
6 — Araras
7 — Atibáia
8 — Avaré
9 — Barretos
10 — Batatais
11 — Baurú
12 — Bebedouro
13 — Botucatú
14 — Biriguí
15 — Brás (Capital)
16 — Caçapava
17 — Campinas
18 — Campo Grande (Mato Grosso)
19 — Campos do Jordão
20 — Casa Branca
21 — Catanduva
22 — Franca
23 — Gália
24 — Goiania (Est.Goiás)
25 — Guaratinguetá
26 — Ibitinga
27 — Itapetininga
28 — Itapeva
29 — Itú
30 — Ituverava
31 — Jaboticabal
32 — Jaú
33 — Jundiaí
34 — Lençóis Paulista
35 — Limeira
36 — Lins
37 — Lucélia
38 — Marília
39 — Mirassol
40 — Mogi-Mirim
41 — Novo Horizonte
42 — Olímpia
43 — Ourinhos
44 — Palmital
45 — Penápolis
46 — Pinhal
47 — Piracicaba
48 — Pirajuí
49 — Pirassununga
50 — Pres. Prudente
51 — Pres. Venceslau
52 — Quatá
53 — Registro
54 — Ribeirão Preto
55 — Rio Claro
56 — Rio de Janeiro
57 — Sta. Cruz do Rio Pardo
58 — Santo Anastácio
59 — Santos
60 — S. Bernardo do Campo
51 — São Carlos
62 — S. João da Bôa Vista
63 — São Joaquim da Barra
64 — S. José do Rio Pardo
65 — S. José do Rio Preto
66 — São Simão
67 — Sorocaba
68 — Tanabi
69 — Taubaté
70 — Tietê
71 — Tupã
72 — Uberlândia (Minas Gerais)

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XIX — São Paulo, 13 de Janeiro de 1953 — N.º 324

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO

SAFRA 1952/1953

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estrada de Ferro	julho/nov.	1.ª dezena Dezembro	2.ª dezena Dezembro	3.ª dezena Dezembro	Totais
Santos a Jundiaí	56 710	1 182	877	—	58 769
Sorocabana	1 156 643	19 906	15 095	7 735	1 199 379
Paulista	2 396 612	8 033	5 187	2 973	2 412 805
Mogiana	400 613	2 695	2 334	1 565	407 207
Araraquara	1 333 368	6 262	4 221	4 012	1 347 863
N. do Brasil	1 248 554	2 334	1 982	800	1 253 670
C. do Brasil	—	—	—	—	—
E. Rodagem	2 977	—	—	—	2 977
Total	**6 595 477**	**40 412**	**29 696**	**17 085**	**6 682 670**

Nota: — Os despachos nas EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

(*) Não foram recebidos os dados da 3.ª dezena de Dezembro da E.F.C.B.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviario	Rodoviário	
Julho/nov.	103 420	262 745	1 210	23 763	391 138
1.ª dez. Dez.º	600	6 933	—	—	7 533
2.ª " "	1 953	2 000	—	—	3 953
3.ª " "	—	1 165	—	—	1 165
Total	**105 973**	**272 843**	**1 210**	**23 763**	**403 789**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	julho/nov.	1.ª dezena Dezembro	2.ª dezena Dezembro	3.ª dezena Dezembro	Totais
Paraná	** 414 929	* 5 011	* 4 318	* 530	424 788
Minas Gerais	100 946	1 720	* 285	* 435	103 386
Goiás	34 584	1 000	* —	* —	35 584
Mato Grosso	1 350	500	—	—	1 850
Esp. Santo	*** —	—	—	—	—
Total	**551 809**	**8 231**	**4 603**	**965**	**565 608**

(*) Incompletos.

(**) E.F.P.S.C. — os dados retificados de acôrdo com informações prestadas pela E. F. Sorocabana.

MOVIMENTO DE CAFÉ DESTINADO A SANTOS
SAFRA 1952/1953 (ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1952)

Paulista	Despachado	Destino Alterado e Cancelado	Total	Liberado	A liberar
Anteriores	2 072 653	—	2 072 653	2 072 653	—
1.ª " Agôsto ...	676 492	330	676 162	675 662	500
2.ª " " ...	801 439	—	801 439	800 939	500
3.ª " " ...	852 006	—	852 006	220 874	631 132
1.ª " Setembro ...	604 789	—	604 789	—	604 789
2.ª " " ...	489 855	430	489 425	—	489 425
3.ª " " ...	357 168	1 360	355 808	* 201	355 607
1.ª " Outubro ...	240 151	4 593	235 558	—	235 558
2.ª " " ...	153 930	1 058	152 872	—	152 872
3.ª " " ...	155 018	2 904	152 114	—	152 114
1.ª " Novembro ...	67 092	1 458	65 634	—	65 634
2.ª " " ...	63 805	2 440	61 365	—	61 365
3.ª " " ...	50 376	527	49 849	* 30	49 819
1.ª " Dezembro ...	40 412	120	40 292	—	40 292
2.ª " " ...	29 696	—	29 696	—	29 696
3.ª " " ...	17 085	—	17 085	—	17 085
Total	**6 671 067**	**15 220**	**6 656 747**	**3 770 359**	**2 886 388**
Despolpado	7 726	—	7 726	7 726	—
Rodoviário	2 977	200	2 777	—	2 777
Total Geral	**6 682 670**	**15 420**	**6 667 250**	**3 778 085**	**2 889 165**
(Outros Estados até 30 de Dez.)					
Paranaense	424 788	—	424 788	192 085	232 703
Mineiro	103 386	—	103 386	64 389	38 997
Goiano	35 584	—	35 584	30 421	5 163
Matogrossense	1 850	—	1 850	1 350	500
Espiritossantente	—	—	—	—	—
Total	**565 608**	**—**	**565 608**	**288 245**	**277 363**

(***) Excluidas 400 sacas. Despacho para o Pôrto de Vitória conforme esclarecimento da E.F.V.M.

(*) Transito Especial
Destino Alterado p/ "Interior e Capital 1 690
Apreendido 12 930
Cancelado 800 15 420

SAFRA 50/51 — Por liberar (dependendo de Ação Judicial 1 080 sac.
SAFRA 51/52 — Apreendido ..... 1 000 "
Esta publicação retifica as anteriores

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1952/53

	ENTRADAS						MOVIMENTO				
MÊS	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense	Total	Embarques	Despachos	Café retirado do estoque	Encontradas a + na verf. do estoque	Existência
Julho	632 319	6 205	616	45 903	—	685 043	706 464	709 572	5 890	266 598	1 747 763
Agôsto	771 189	350	3 030	22 345	—	796 914	834 265	828 283	4 796	—	1 705 616
Setembro	882 249	5 126	4 080	28 265	—	919 720	..847 586	581 565	2 714	—	1 775 036
Outubro	689 735	37 912	15 216	32 928	400	776 191	663 709	704 219	1 905	—	1 885 613
Novembro	545 909	10 897	6 595	37 828	—	601 229	646 000	601 601	45 332	—	1 795 510
Dezembro	718 644	9 892	1 500	64 123	950	795 109	696 857	681 473	21 907	—	1 871 855
Total	**4 240 045**	**70 382**	**31 037**	**231 392**	**1 350**	**4 574 206**	**4 394 881**	**4 376 713**	**82 544**	**266 598**	—

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

NOVEMBRO DE 1952

(Em cents por libra de 453,60 gr.)

DIA	SANTOS				RIO
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 7
3	53 00	53 50	54 50	53 50	46 00
4	53 00	53 50	54 50	53 50	46 00
5	53 00	53 50	54 50	53 50	46 00
6	53 00	53 50	54 50	53 50	46 00
7	53 00	53 50	54 50	53 50	46 00
10	53 00	53 50	54 50	53 50	46 50
12	53 00	53 50	54 50	53 50	46 50
13	53 00	53 00	54 50	53 50	46 50
14	53 00	52 50	54 50	53 50	46 50
17	53 00	52 50	54 50	53 50	46 50
18	53 00	52 50	54 50	53 50	46 50
19	53 00	52 50	54 50	53 50	46 50
20	53 00	52 50	54 50	53 50	46 50
21	53 00	52 50	54 50	53 50	46 50
24	53 00	52 50	54 50	53 50	46 50
25	53 00	52 50	54 50	53 50	46 50
26	53 25	52 75	54 50	53 75	46 75
28	53 25	52 75	54 50	53 75	46 75
Média	**53 03**	**52 94**	**54 50**	**53 53**	**46 39**

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

(Em centes por libra de 453,60 gr.)

DEZEMBRO DE 1952

DIA	SANTOS				RIO
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 7
1	53 50	53 00	54 75	53 75	46 50
2	53 50	53 00	54 75	53 75	46 50
3	53 50	53 00	54 75	53 75	46 50
4	53 50	53 00	54 75	53 75	46 50
5	53 50	53 00	54 75	53 75	46 50
8	53 50	53 00	54 75	53 75	46 50
9	53 50	53 00	54 75	53 75	46 50
10	53 50	53 00	54 75	53 75	46 50
11	53 50	53 00	54 75	53 75	46 50
12	53 50	53 00	54 75	53 75	46 50
15	53 25	52 75	54 50	53 50	46 00
16	53 00	52 50	54 50	53 50	45 50
17	53 00	52 50	54 50	53 50	45 50
18	53 00	52 50	54 50	53 50	45 50
19	52 75	52 50	54 25	53 25	45 00
22	52 75	52 50	54 25	53 25	45 50
23	52 75	52 50	54 25	53 25	45 25
24	52 75	52 50	54 25	53 25	45 25
26	52 75	52 50	54 25	53 25	45 25
29	53 00	52 75	54 50	53 50	45 00
30	53 00	52 75	54 50	53 50	45 00
31	53 00	52 75	54 50	53 50	45 00
Média	**53 18**	**52 77**	**54 56**	**53 56**	**45 85**

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

DEZEMBRO DE 1952

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado T. 4	Tipo 4 Sem descrição	Tipo 7	Tipo 7
1	195 00	193 50	192 00	173 00	155 20
2	195 00	193 50	192 00	173 00	155 20
3	195 00	193 50	192 00	173 00	155 00
4	195 00	193 50	192 00	173 00	154 90
5	195 00	193 50	192 00	173 00	154 10
9	195 00	193 50	192 00	173 00	154 90
10	195 00	193 50	192 00	173 00	154 60
11	195 00	193 50	192 00	173 00	154 40
12	195 00	193 50	192 00	174 00	154 10
15	195 00	193 50	192 00	175 00	154 10
16	195 00	193 50	192 00	175 00	154 80
17	195 00	193 50	192 00	175 00	154 00
18	195 00	193 50	192 00	176 00	154 10
19	195 00	193 50	192 00	176 00	154 50
22	195 00	193 50	192 00	176 00	154 80
23	195 00	193 50	192 00	176 00	155 00
26	195 00	193 50	192 00	176 00	154 70
29	195 00	193 50	192 00	176 00	154 70
30	195 00	193 50	192 00	176 00	154 60
Média	**195 00**	**193 50**	**192 00**	**174 47**	**154 62**

MOVIMENTO DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS

DEZEMBRO DE 1952

DIA	ENTRADAS								Embarques	Despachos	Vendas	Retirado do estoque	Existência	Existência em poder do D.N.C.
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense	Total	Liberado p/E.F.S.J.	Liberado p/E.F.S.						
1	27 720	600	—	1 800	—	30 120	16 499	13 621	18 171	16 501	16 712	—	1 807 459	438
2	30 940	1 060	—	3 150	—	35 150	21 050	14 100	26 716	20 148	17 941	—	1 815 893	438
3	31 362	750	—	2 945	—	35 057	22 050	13 007	13 744	31 120	14 818	—	1 837 206	438
4	31 759	300	—	2 950	—	35 009	20 885	14 124	29 923	17 195	15 743	—	1 842 292	438
5	32 874	—	—	2 140	—	35 014	20 014	15 000	18 233	33 265	18 533	—	1 859 073	438
6	32 114	—	—	2 890	—	35 004	21 003	14 001	49 662	43 198	25 282	—	1 844 415	438
9	31 414	720	—	2 990	—	35 124	21 118	14 006	29 291	60 569	17 276	—	1 850 248	438
10	32 085	—	500	1 595	950	35 130	22 120	13 010	445 446	28 863	16 364	1 726	1 838 206	438
11	32 518	686	—	2 295	—	35 499	23 500	11 999	32 625	32 613	32 366	12	1 841 068	438
12	31 802	599	500	2 600	—	35 501	23 471	12 030	34 195	19 396	23 752	—	1 842 374	438
13	32 884	600	—	2 015	—	35 499	24 474	11 025	31 788	8 164	9 018	—	1 846 085	438
15	33 951	601	—	1 045	—	35 597	26 127	9 470	9 082	25 411	17 114	—	1 872 600	438
16	31 385	1 020	—	3 195	—	35 600	28 359	7 247	18 085	47 605	20 888	—	1 890 115	438
17	31 420	490	—	3 632	—	35 542	26 427	9 115	25 963	20 818	25 108	—	1 899 694	438
18	33 828	605	—	1 075	—	35 508	28 470	7 038	39 521	32 763	16 028	—	1 895 681	438
19	31 866	—	—	3 683	—	35 549	21 549	14 000	19 323	41 779	10 839	—	1 911 907	438
20	33 272	—	—	1 700	—	34 972	22 970	12 002	20 773	14 290	7 029	—	1 926 106	438
22	21 864	—	—	3 195	—	25 059	14 000	11 059	40 513	29 128	18 542	—	1 910 652	438
23	22 309	—	—	2 700	—	25 009	15 009	10 000	40 065	30 191	25 465	—	1 895 596	438
24	19 073	420	500	5 009	—	35 002	12 492	12 510	27 014	9 132	10 502	—	1 893 584	438
26	24 174	330	—	500	—	25 004	15 984	9 020	3 793	14 822	20 406	—	1 914 795	438
27	21 188	291	—	3 585	—	25 064	14 464	10 600	11 800	32 147	10 961	—	1 928 059	438
29	21 130	—	—	3 880	—	25 010	14 397	10 613	24 979	25 937	17 713	—	1 928 090	438
30	23 255	—	—	1 795	—	25 050	15 045	10 005	31 460	32 139	22 921	20 004	1 901 676	438
31	22 457	820	—	1 759	—	25 036	14 936	10 100	54 692	14 279	21 714	165	1 871 855	438
TOTAL	**718 644**	**9 892**	**1 500**	**64 123**	**950**	**795 109**	**506 413**	**288 696**	**696 857**	**681 473**	**453 035**	**21 907**	—	—

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO DE 1952

DIA	ENTRADAS								EMBARQUES					
	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	Esp. Santo	Bahia	Goiás	Paraná	Total	Exterior	Cabotagem	Total	Retirado do mercado	Consumo local	Existência
1	—	14 695	861	5 170	—	—	—	20 726	5 250	—	5 250	100	—	340 606
2	—	9 828	886	—	—	—	—	10 714	7 904	—	7 904	—	—	343 416
3	—	12 353	—	2 395	—	—	—	14 748	2 326	—	2 326	—	—	355 838
4	11 945	9 585	—	—	—	—	4 358	25 888	3 525	—	3 525	500	—	377 701
5	—	14 920	197	—	—	1 380	—	16 497	7 580	—	7 580	—	—	386 618
6	—	—	—	—	—	—	—	—	39 014	—	39 014	—	—	347 604
8	—	2 006	3 035	3 271	—	—	—	8 312	19 843	—	19 843	—	—	336 073
9	—	14 635	—	—	—	—	—	14 635	3 950	—	3 950	500	—	346 258
10	8 662	7 568	553	—	—	—	—	17 113	8 650	150	8 800	—	—	354 571
11	—	11 583	—	330	—	—	—	15 522	8 166	—	8 166	—	—	361 927
12	—	8 188	—	—	—	—	4 280	12 468	—	—	—	—	—	374 395
13	—	—	—	—	—	—	—	—	22 825	—	22 825	—	—	351 570
15	9 086	4 418	—	3 889	—	—	—	17 393	49 783	—	49 783	250	20 000	298 930
16	—	12 253	580	3 547	—	—	—	16 380	6 920	—	6 920	600	—	307 790
17	—	8 505	—	3 022	—	—	6 155	17 682	16 177	—	16 177	100	—	309 195
18	—	17 699	3 622	—	—	—	—	21 321	388	—	388	—	—	330 128
19	—	8 791	562	4 500	—	—	—	13 853	7 369	—	7 369	—	—	336 612
20	—	—	—	—	—	—	—	—	52 875	—	52 875	—	—	283 737
22	8 485	3 360	—	—	—	—	5 485	17 330	—	—	—	—	—	301 067
23	—	12 973	2 150	—	—	—	5 880	21 003	1 000	—	1 000	—	—	321 070
24	—	—	—	—	—	—	—	—	12 865	—	12 865	—	—	308 205
26	6 658	8 531	736	1 748	—	2 078	—	19 751	5 026	40	5 066	—	—	322 890
27	—	—	—	—	—	—	—	—	19 436	—	19 436	—	—	303 454
29	—	11 826	—	—	—	—	—	11 826	2 556	—	2 556	—	—	312 724
30	—	11 557	2 338	7 989	—	—	—	21 884	18 524	—	18 524	—	30 000	296 084
31									24 552	50	24 602	192	—	271 290
Total	**44 836**	**205 274**	**15 520**	**39 800**	**—**	**3 458**	**26 158**	**335 046**	**346 504**	**240**	**346 744**	**2 242**	**40 000**	**—**

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Dezembro de 1952

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	6	13	20	27	MÉDIA
COLÔMBIA:					
Medelin Excelso	(2) 57 00	(2) 56 3/8	(2) 56 3/8	(2) 55 1/2	56 5/16
Armenia	(2) 57 00	(2) 56 3/8	(2) 56 3/8	(2) 55 1/2	56 5/16
Manizales	(2) 57 00	(2) 56 3/8	(2) 56 3/8	(2) 55 1/2	56 5/16
Cucuta	(2) 56 3/4	(2) 56 1/8	(2) 56 1/8	(2) 55 1/4	56 1/16
Bogotá	(2) 56 3/4	(2) 56 1/8	(2) 56 1/8	(2) 55 1/4	56 1/16
Tolima	(2) 56 3/4	(2) 56 1/8	(2) 56 1/8	(2) 55 1/4	56 1/16
Ocana	(2) 56 3/4	(2) 56 1/8	(2) 56 1/8	(2) 55 1/4	56 1/16
COSTA RICA:					
Duro	(%) 57 1/2	(%) 57 1/2	(%) 57 1/2	(§) 56 1/4	57 3/16
Atlantico Fino	(%) 57 1/4	(%) 57 1/4	(%) 57 1/4	(§) 56 00	56 15/16
EQUADOR:					
Lavado	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 56 00	54 3/8
Extra não lavado	(2) 47 00	(2) 47 1/2	(2) 47 1/2	(2) 47 1/4	47 5/16
GUATEMALA:					
Antigua	n/cot.	n/cot.	n/cot.	(&) 55 3/4	57 00
Extra primeira	(&) 56 1/2	(&) 56 00	(&) 56 00	(&) 57 00	56 1/16
Lavado bom	(§) 55 1/4	(§) 55 1/4	(§) 55 1/4	(2) 54 00	54 15/16
Bourbon	(2) 54 1/2	(2) 54 3/4	(2) 54 3/4	(2) 53 1/2	54 3/8
HAITÍ:					
Lavado bom mole ...	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 54 00	54 00
Catado á mão	(2) 51 1/2	(2) 51 1/2	(2) 51 1/2	(2) 52 1/4	51 11/16
HONDURAS:					
Lavado bom	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	55 1/2
Tipo 5 — Comum duro	(6) 47 1/2	(6) 47 1/2	(6) 47 1/2	(6) 47 1/2	47 1/2
MÉXICO:					
Coatepec	(&) 55 1/2	(2) 55 3/4	(2) 55 3/4	(2) 54 1/2	55 3/8
Tapachula primeira ..	(&) 55 1/2	(2) 55 1/4	(2) 55 1/4	(2) 53 3/4	54 15/16

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Dezembro de 1952

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	6	13	20	27	MÉDIA
NICARAGUA:					
Matagalpa	(%) 54 3/4	(%) 54 3/4	(%) 54 3/4	(§) 53 1/2	54 7/16
Lavado primeira	(%) 54 3/4	(%) 54 3/4	(%) 54 3/4	(§) 53 00	54 5/16
EL SALVADOR:					
Lavado	n/cot.	n/cot.	n/cot.	54 00	54 00
S. DOMINGOS					
Lavado bom mole ...	(2) 52 1/2	(2) 52 1/2	(2) 52 1/2	(2) 52 00	52 3/8
Fino	(2) 53 1/2	(2) 53 1/2	(2) 53 1/2	(2) 53 1/2	53 1/2
VENEZUELA:					
Maracaibo	(6) 55 1/2	(2) 55 1/2	(6) 55 1/2	(2) 54 1/2	55 1/4
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	(6) 57 00	(6) 56 1/2	(6) 56 1/2	(6) 55 00	56 1/4
Natural robusta	(6) 44 00	(6) 42 1/2	(6) 42 1/2	(6) 42 00	42 3/4
MÓCA					
Móca (Arabia)	n/cot.	(2) 58 00	(2) 58 00	(6) 58 00	58 00
N.E.I.:					
Genuino Java lav. ...	(6) 67 1/2	(2) 67 1/2	(6) 67 1/2	(6) 67 1/2	67 1/2
UGANDA:					
Lavado	(6) 43 00	(6) 43 00	(6) 43 00	(6) 43 00	43 00

INDICAÇÕES:
1) C. & F. — S.U.A. (Nova York)
2) Desembarcado à vista liquido
3) Disponível
4) F.O.B. (Nova York)
5) F.O.B. País de procedência
6) Nominal

(§) Embarque Novembro/Dezembro
(%) " Dezembro/Janeiro
(&) " Dezembro.

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Contrato "S"

DEZEMBRO DE 1952

DIAS	DEZEMBRO		MARÇO		MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	53 10	53 11	52 65	52 71	52 30	52 30	51 95	51 96	51 20	51 37	51 00	50 95
2	53 00	53 21	52 61	52 81	52 20	52 40	51 75	52 08	51 34	51 56	50 75	51 15
3	53 03	53 13	52 75	52 76	52 20	52 42	52 05	52 10	51 50	51 53	51 05	51 11
4	53 01	53 10	52 85	52 77	52 30	52 43	52 15	52 05	51 60	51 50	51 20	51 12
5	53 00	53 12	52 71	52 69	52 30	52 36	51 85	51 94	51 25	51 40	51 00	50 98
8	53 00	53 16	52 60	52 65	52 20	52 25	51 80	51 85	51 20	51 32	50 70	50 90
9	53 00	53 25	52 65	52 68	52 15	52 28	51 75	51 85	51 20	51 30	50 85	50 90
10	53 20	53 31	52 55	52 70	n/cot	52 35	51 70	51 90	51 10	51 35	50 85	50 90
11	53 20	53 22	52 70	52 58	52 32	52 22	51 80	51 80	51 25	51 25	50 85	50 74
12	53 15	53 20	52 55	52 56	52 25	52 15	51 80	51 74	51 16	51 19	50 80	50 68
15	53 15	53 10	52 51	52 50	52 10	52 10	51 65	51 65	51 10	51 11	50 70	50 60
16	53 30	53 08	52 40	52 50	52 20	52 10	51 55	51 68	51 05	51 13	50 75	50 55
17	52 99	52 91	52 45	52 35	52 00	51 90	51 55	51 51	51 05	50 95	50 50	50 35
18	52 76	52 62	52 26	52 45	51 82	52 05	51 40	51 60	50 88	51 05	50 20	50 45
19	52 60	52 75	52 45	52 57	52 00	52 12	51 55	51 72	51 00	51 14	50 35	50 50
22	52 60	52 75	52 50	52 66	52 00	52 20	51 60	51 85	51 05	51 30	50 40	50 66
23	52 60	52 95	52 70	52 93	52 30	52 48	51 95	52 13	51 40	51 56	50 75	50 88
24	n/cot	53 00	52 75	52 95	52 25	52 50	51 90	52 07	51 40	51 50	50 70	50 80
26	"	—	52 77	52 91	52 35	52 45	52 05	52 05	51 30	51 47	50 60	50 75
29	—	—	52 75	52 91	52 25	52 48	52 05	52 11	51 40	51 50	50 70	50 80
30	—	—	52 99	53 10	52 53	52 75	52 15	52 42	51 62	51 80	50 87	51 03
31	—	—	53 00	53 08	52 60	52 74	52 35	52 34	51 76	51 77	51 10	51 05
Média	**52 98**	**52 05**	**52 64**	**52 72**	**52 22**	**52 32**	**51 83**	**51 93**	**51 27**	**51 37**	**50 76**	**50 81**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

DEZEMBRO DE 1952

DIA	Londres libra	Nova York dolar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florin
1	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,87 21	3,62 09	—
2	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,99 81	3,62 09	—
3	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,98 51	3,62 09	—
4	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,95 91	3,62 09	—
5	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,93 33	3,62 09	—
6	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,92 05	3,62 09	—
9	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,92 05	3,62 09	—
10	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,93 33	3,62 09	—
11	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,92 05	3,62 09	—
12	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,92 05	3,62 09	—
13	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	7,01 12	3,62 09	4,92 15
15	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	7,01 12	3,62 09	—
16	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,95 91	3,62 09	—
17	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,89 50	3,62 09	—
18	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,90 77	3,62 09	—
19	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,86 97	3,62 09	—
20	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,86 97	3,62 09	—
22	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,86 97	3,62 09	—
23	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,83 21	3,62 09	—
24	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,83 21	3,62 09	—
26	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,83 21	3,62 09	—
27	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,89 50	3,62 09	4,92 90
29	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,89 50	3,62 09	—
30	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,89 50	3,62 09	—
31	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,84 46	3,62 09	—
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,40 34**	**0,65 72**	**1,34 48**	**6,91 13**	**3,62 09**	**4,92 53**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

DEZEMBRO DE 1952

DIA	Londres libra	Nova York dolar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florin
1	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,73 26	3,55 51	—
2	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,75 74	3,55 51	—
3	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,74 50	3,55 51	—
4	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,72 03	3,55 51	—
5	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,69 58	3,55 51	—
6	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,68 36	3,55 51	—
9	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,68 36	3,55 51	—
10	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,69 58	3,55 51	—
11	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,69 36	3,55 51	—
12	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,68 36	3,55 51	—
13	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,76 98	3,55 51	4,83 21
15	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,76 98	3,55 51	—
16	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,72 03	3,55 51	—
17	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,65 94	3,55 51	—
18	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,67 15	3,55 51	—
19	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,63 54	3,55 51	—
20	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,63 54	3,55 51	—
22	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,63 54	3,55 51	—
23	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,59 96	3,55 51	—
24	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,59 96	3,55 51	—
25	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,59 96	3,55 51	—
27	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,65 94	3,55 51	4,83 95
29	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,65 94	3,55 51	—
30	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,65 94	3,55 51	—
31	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,61 15	3,55 51	—
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,28 81**	**0,63 64**	**1,31 76**	**6,67 87**	**3,55 51**	**4,83 58**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Média diária, afixada pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, no mês de
NOVEMBRO DE 1952

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Portugal	Bélgica	França
4	52,4160	18,72	—	—	3,6209	2,7353	—	—	—	0,0535
5	52,4160	18,72	—	4,4015	3,6209	2,7353	1.7096	0,6572	0,3778	0,0535
6	52,4160	18,72	—	4,4024	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
7	52,4160	18,72	—	—	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
8	52,4160	18,72	—	—	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
10	52,4160	18,72	4,9252	4,4024	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
11	52,4160	18,72	—	4,4024	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
12	52,4160	18,72	—	4,4034	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
13	52,4160	18,72	—	4,4024	3,6209	2,7353	—	—	—	0,0535
14	52,4160	18,72	—	4,4034	3,6209	2,7353	—	0,6572	0 3778	0,0535
17	52,4160	18,72	—	4,4042	3,6209	2,7353	—	—	—	0,0535
18	52,4160	18,72	4,9252	4,4034	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
19	52,4160	18,72	—	4,4022	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
20	52,4160	18,72	—	4,4034	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
21	52,4160	18,72	—	4,4043	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
22	52,4160	18,72	—	4,4034	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
24	52,4160	18,72	—	4,4034	—	2,7353	—	0,6572	—	0,0535
25	52,4160	18,72	4,9252	—	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
26	52,4160	18,72	—	—	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
27	52,4160	18,72	4,9178	—	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
28	52,4160	18,72	—	—	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
29	25,4160	10,72	—	4,4034	—	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
Média	52,4160	18,72	**4,9233**	**4,4030**	**3,6209**	**2,7353**	**1,7096**	**0,6572**	**0,3778**	**0,0535**

CÂMBIO

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos durante o mês de NOVEMBRO DE 1952

PAÍSES	MOÉDAS	COMPRAS	VENDAS
Bélgica	Francos	46.723.297	38.268.460
Canadá	Dólares	11	—
Dinamarca	Corôas	12.324.339	11.441.506
Espanha	Pesêtas	10.360	2.577
Estados Unidos	Dólares	14.720.184	18.052.493
França	Francos	825.085.317	938.405.061
Holanda	Florins	61.571	63.310
Inglaterra	Libras	470.369	427.260
Portugal	Escudos	291.969	297.571
Suécia	Corôas	10.519.386	9.453.909
Suiça	Francos	14.447	149.695
Uruguai	Pêsos	—	129
CONVÊNIOS			
US$ Alemanha		3.610.875	4.022.795
US$ Argentina		—	2.520
US$ Áustria		201.729	213.622
US$ Chile		499.092	290.730
US$ Espanha		61.669	85.169
US$ Grécia		630.072	638.478
US$ Itália		135.129	249.770
US$ Japão		134.658	107.847
US$ Polônia		463	3.397
US$ Portugal		1.005	12.972
US$ Tchecoslováquia		110.614	127.857
US$ Uruguai		2.500	259.916
US$ Yugoslávia		557	—
Brasileiro-Argentino		Cr$ 38.566,50	Cr$ 2.134.284,60
Brasileiro-Holandês		Cr$ 20.534,40	Cr$ 1.380.775,00
Brasileiro-Norueguês		Cr$ 73.663,60	Cr$ 870.315,00

Resumo dos negócios realizados do nês de NOVEMBRO De 1952

MOÉDAS	Quantidade	Valor em Cr$
Corôas Dinamarquesas	12.320.907	33.701.377,00
Corôas Suécas	9.689.445	35.084.513,00
Dólares	28.031.606	524.751.669,00
Escudos	537.976	353.558,00
Florins	118.509	583.455,00
Francos Bélgas	42.765.127	16.156.665,00
Francos Francêses	997.808.168	53.382.737,00
Francos Suiços	250.124	1.101.292,00
Libras	321.913	16.873.410,00
Pêsos Argentinos	6.623	11.324,00
Total		Cr$ 682.000.000,00

Total em Libras e Dólares de acôrdo com a média mensal à vista sôbre a Inglaterra e Estados Unidos, afixada êste mês por esta Bolsa.

£ ..... 13.011.294 = 52,4160
US$ ..... 36.431.623 = 18,7200

Total computado em Novembro de 1951 ..... 1.676.000.000,00
Total computado em Outubro de 1952 ..... 616.000.000,00
Total computado em Novembro de 1952 ..... 682.000.000,00

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

Irrigação da lavoura cafeeira — José Testa 5
Vençamos a rotina do café — William Wilson Coelho de Souza 7
Contabilidade agrícola e pastoril — J. Bemelmans 11
Considerações sôbre o combate à broca do café — C. A. Seixas 15

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Um grande e urgente problema nacional 18
A semente de café 27
Debates sôbre a cultura do café "mundo novo", em Ribeirão Preto 29
Quantos cafeeiros existem no Paraná? 31
Cultura do café e avicultura 33
"Cafeicultura cientifica, no Brasil" 35
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York) 37

ESTATÍSTICA:

Suplemento Estatístico n.º 324 53
Movimento de café em Santos — Safra 1952/53 55
Cotações de cafés brasileiros no disponível em Nova York — novembro .. 56
Cotações de cafés brasileiros no disponível em Nova York — dezembro ... 57
Movimento de cafés na praça de Santos — dezembro ..... Apenso
Movimento de café no Rio de Janeiro — dezembro ..... Apenso
Cotações de cafés no disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória dezembro 58
Cotação do disponível em Nova York — Cafés estrangeiros — dezembro .. 59
Cotações de Café a Têrmo em Nova York — Contrato "S" — dezembro ... 61
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — I — Mercado Livre — Vendas à Vista — dezembro 62
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — II — Mercado Livre — Compras à Vista — dezembro 63
Câmbio em São Paulo — Média diária — novembro 64
Câmbio — Resumo das operações efetuadas pelos Bancos — novembro .. 65
Balancete financeiro em 30 de novembro de 1953 do Instituto de Café do Estado de São Paulo ..... Apenso
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — dezembro ..... Apenso

CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

DEZEMBRO DE 1952

DIA	Londres £	Montreal $	R. Janeiro Cr$	B. Aires peso	Montevidéo peso	Paris frc. livre	Berna frc. livre	Stockolmo corôa	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amsterdam guilder
1	2,80 1/2	1,02 11/16	0,05 46	0,07 20	0,37 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0200 1/8	0,26 33
2	2,80 5/8	1,02 11/16	0,05 46	0,07 25	0,37 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0201 00	0,26 30
3	2,80 5/8	1,02 3/4	0,05 46	0,07 25	0,37 25	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0201 00	0,26 30
4	2,80 7/16	1,02 15/16	0,05 46	0,07 25	0,37 25	0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0200 00	0,26 30
5	2,80 5/16	1,03 00	0,05 46	0,07 25	0,37 00	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0200 1/8	0,26 30
8	2,80 7/16	1,03 3/16	0,05 46	0,07 25	0,37 00	0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0200 00	0,26 29
9	2,80 3/8	1,03 7/16	0,05 46	0,07 25	0,37 12	0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 36	0,03 49 1/2	0,0200 1/4	0,26 30
10	2,80 3/8	1,03 1/16	0,05 46	0,07 25	0,37 00	0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0200 1/4	0,26 30
11	2,80 7/16	1,02 15/16	0,05 46	0,07 20	0,37 20	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 25	0,03 49 1/2	0,0200 00	0,26 31
12	2,80 9/16	1,02 9/16	0,05 46	0,07 20	0,37 50	0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0200 00	0,26 32
15	2,80 5/8	1,02 7/8	0,05 46	0,07 20	0,37 15	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 5/8	0,26 33
16	2,80 3/4	1,03 1/16	0,05 46	0,07 20	0,37 15	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 3/8	0,26 32
17	2,80 5/8	1,02 15/16	0,05 46	0,07 25	0,37 12	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 00	0,0199 3/8	0,26 32
18	2,80 3/4	1,03 5/16	0,05 46	0,07 25	0,37 12	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/2	0,26 28
19	2,80 3/4	1,03 1/4	0,05 46	0,07 20	0,36 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/2	0,26 29
22	2,81 00	1,03 5/16	005 46	0,07 20	0,36 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 3/8	0,26 30
23	2,80 7/8	1,03 1/16	0,05 46	0,07 20	0,36 50	0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0199 1/4	0,26 31
24	2,81 00	1,03 1/16	0,05 46	0,07 25	0,36 75	0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0199 1/4	0,26 31
26	2,81 00	1,03 1/16	0,05 46	0,07 25	0,36 75	0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/4	0,26 37
29	2,81 00	1,03 3/16	0,05 46	0,07 25	0,36 62	0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0199 1/4	0,26 32
30	2,81 00	1,03 5/16	0,05 46	0,07 20	0,36 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 00	0,26 30
31	2,81 00	1,03 1/16	0,05 46	0,07 22	0,36 45	0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/8	0,26 35
Média	**2,80 11/16**	**1,03 1/32**	**0,05 46**	**0,07 23**	**0,37 00**	**0,0028 5/8**	**0,23 34 15/64**	**0,19 35**	**0,03 49.13/32**	**0,0199 49/64**	**0,26 31**

K SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

BRO DE 1952

	Paris frc. livre	Berna frc. livre	Stockolmo corôa	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amsterdam guilder
COL	,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0200 1/8	0,26 33
	,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0201 00	0,26 30
Irrig	,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0201 00	0,26 30
Venç	,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0200 00	0,26 30
Cont	,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0200 1/8	0,26 30
Cons	,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0200 00	0,26 29
	,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 36	0,03 49 1/2	0,0200 1/4	0,26 30
RES	,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0200 1/4	0,26 30
	,0028 5/8	0,23 34	0,19 25	0,03 49 1/2	0,0200 00	0,26 31
Um	,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0200 00	0,26 32
A se	,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 5/8	0,26 33
Deba	,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 3/8	0,26 32
Quar	,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 00	0,0199 3/8	0,26 32
Cultu	,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/2	0,26 28
"Cafe	,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/2	0,26 29
O ca	,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 3/8	0,26 30
	,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0199 1/4	0,26 31
EST	,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0199 1/4	0,26 31
	,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/4	0,26 37
Supl	,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0199 1/4	0,26 32
Movi	,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 00	0,26 30
Cota	,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 1/8	0,26 35
Movi						
Movi						
Cota						
	0,0028 5/8	0,23 34 15/64	0,19 35	0,03 49 13/32	0,0199 49/64	0,26 81
Cota						
Cota						
Câm						
Câm						
Câm						
Câm						
Bala						
Câm						

PARA ANÚNCIOS NESTE BOLETIM

Dirijam-se à Rua Bôa Vista, 245 — 3º Andar
— Fones, 32-8357 e 33-1432 —
R. PASTORE — AGENTE AUTORIZADO: NEWTON FEITOZA

TABELA DE PREÇOS

Página de capa interna (2.ª e 3.ª de capa)	1	página,	Cr.$2.000,00
Página de texto	1	"	Cr.$1.500,00
" " "	½	"	Cr.$ 800,00
" " "	¼	"	Cr.$ 500,00

——— Os agentes autorizados são portadores de apresentação ———

—— AVISOS ——

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escala limitada, aos interessados.

São as seguintes:

"A Broca do Café" — Jacob Bergamin
"Expurgo de sementes de café infestadas p/ broca do café" — Jacob Bergamin
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Arroz" — H. J. Miranda
"Culturas Subsidiárias na Fazenda de Café — A Mandioca" — Edgard S. Noronha
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Feijão Soja" — N. A. Neme
"Técnica das adubações" — A. Menezes Sobrinho.
"O contrôle à erosão nos cafèzais" — Hélio V. de Camargo Bittencourt
"O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já ví" — Rogério de Camargo
"Economia Cafeeira" — A. Menezes Sobrinho
"Adubação verde p/ cafèzais" — José E. Teixeira Mendes
"Da secagem mecânica do café" — Rogério de Camargo
"Despolpamento" — J. Aloisi Sobrinho
"Melhoramento do cafeeiro" — C. A. Krug
"Restauração de culturas permanentes" — William W. C. de Souza
"Conservação do solo e revestimento vegetal" — Francisco M. Aires de Alencar
"A saúde do trabalhador rural" — Adalberto de Q. Teles Júnior
Conservação do solo em cafèzal — J. Quintiliano A. Marques

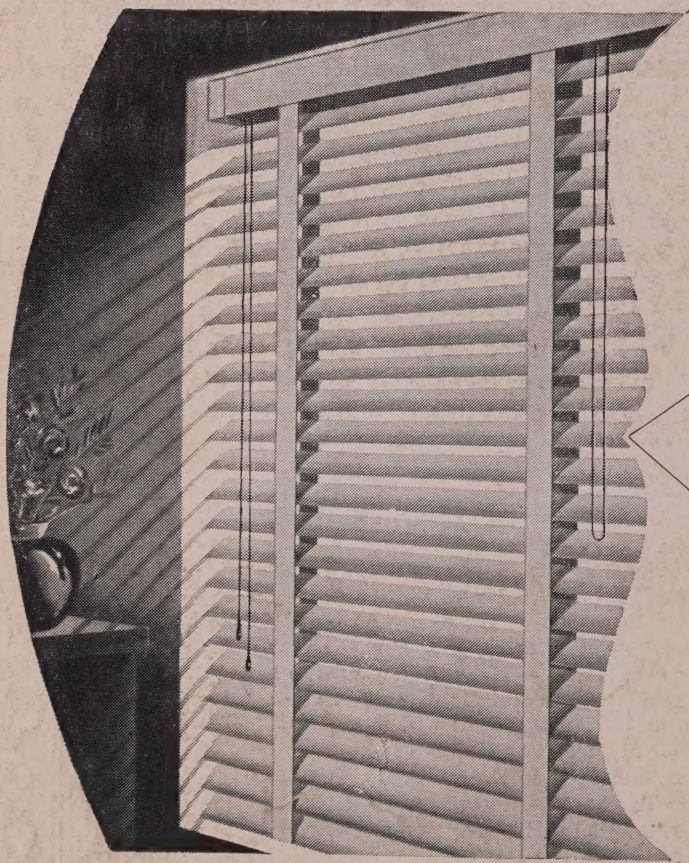
* * *

Insistimos na necessidade de nos comunicarem, os interessados, seu desejo de continuar a receber êste Boletim, assim como possíveis alterações de enderêço, sem o que será sustada a remessa àqueles que nos deixem de fazer essas necessárias comunicações.

Tipografia Aurora Ltda. — São Paulo

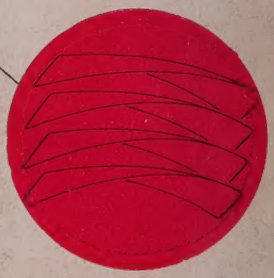
EXPOENTE DE QUALIDADE

Ao adquirir persianas, observe em primeiro lugar a sua qualidade! SUNLIGHT emprega em seu fabrico materiais rigorosamente selecionados.



As persianas SUNLIGHT possuem um novo processo, pois a feitura de seu estôjo INTEIRAMENTE DE METAL, qualificam-na como a melhor.

As côres maravilhosas das persianas SUNLIGHT embelezam o ambiente.



As persianas SUNLIGHT primam pela alta qualidade de suas lâminas de alumínio flexível e esmaltadas a fogo.

Controlando a luz solar e graduando o ar, as persianas SUNLIGHT tornam o ambiente mais agradavel.

PERSIANAS Sunlight ltda.

ESCRITÓRIO:
R. XAVIER DE TOLEDO, 266 - 9.º s/95 e 96 - TEL. 32-9579
SÃO PAULO